

4

Análise dos Dados

“Aplica-te a todo o instante com toda a atenção... para terminar o trabalho que tens nas tuas mãos... e liberta-te de todas as outras preocupações. Delas ficarás livre se executares cada ação da tua vida como se fosse a última”. (Marco Aurélio)¹

Neste capítulo, objetivamos apresentar a análise dos dados coletados nas duas etapas da pesquisa (2005.1 e 2006.1). Levamos em consideração o enfoque teórico e os conceitos expostos no capítulo 2.

As duas etapas da pesquisa apresentam, além do questionário, redações do início do semestre, redações com opiniões dos informantes a respeito do tratamento na cultura brasileira. Entretanto, como já foi esclarecido, atividades diferentes foram realizadas nas duas turmas.

No que tange ao questionário aplicado, conforme esclarecemos no capítulo anterior, o objetivo era buscar uma explicação em relação à motivação e à atitude dos alunos estrangeiros diante da Língua Portuguesa do Brasil, da cultura brasileira e dos brasileiros. A análise a seguir está se baseando, também, nas observações e nas atividades realizadas em sala de aula.

Inicialmente, apresentaremos uma breve análise dos diálogos produzidos em sala de aula, enfocando o uso dos pronomes *tu* e *você* e das formas de tratamento na cultura brasileira (cf. Meyer 1999 e 2005; Santos, 2003; Souza, 1996). Posteriormente, empreenderemos um estudo sobre a aquisição da língua e da cultura, atentando para a motivação, atitude e estratégias de aprendizado envolvidas nesse processo.

4.1.

Análise dos Diálogos²

Primeiramente, é necessário que apresentemos uma breve análise do que foi encontrado nos diálogos criados pelos alunos em sala de aula (anexo 3).

¹ Citação localizada na página http://www.pensador.info/p/epigrafes_de_trabalho/4/. Acesso em 12 de janeiro de 2008.

² Apesar de esses diálogos terem sido produzidos durante a coleta de dados de 2005.1, um resultado semelhante foi encontrado durante a atividade realizada em 2006.1. Durante essa última coleta de dados, os alunos apenas criaram e interpretaram os diálogos, não os entregando.

Como afirmamos na introdução, nossa motivação inicial para este trabalho foram os resultados encontrados durante a pesquisa para a dissertação de mestrado. Nesta presente pesquisa, os resultados encontrados não foram diferentes do resultado anterior.

No quadro abaixo, tencionamos resumir o que verificamos na análise dos diálogos:

FORMAS DE TRATAMENTO	PRONOMES DE TRATAMENTO
Cara Irmão Gringo Amiga Primeiro nome	Você

Quadro 4.1: Incidência dos pronomes e formas de tratamento

Como a produção dos diálogos era baseada na interação entre jovens amigos, as formas de tratamento encontradas reproduziram o que os alunos estavam ouvindo ao interagirem com jovens brasileiros. Formas de tratamento como *cara* e *irmão*, muito usadas entre jovens cariocas, foram usadas por alguns alunos (diálogos 1 e 7).

A forma de tratamento *gringo* não é normalmente usada entre os jovens brasileiros no dia-a-dia. Entretanto, é muito usada quando se deseja fazer referência a estrangeiros, geralmente de forma irônica. Ao verificarmos essa ocorrência durante a produção dos diálogos (2 e 4), podemos perceber que os alunos estavam fazendo uso de uma forma de tratamento especial em um contexto específico: a interação entre estrangeiros. Talvez, essa forma de tratamento tenha sido usada com a mesma intenção usada pelos brasileiros: ironia.

O uso do primeiro nome também foi verificado (diálogos 3 e 7). Esse uso é uma das marcas da proximidade do brasileiro, muitas vezes usada também na interação com professores, que foi facilmente adquirida pelos alunos imersos.

Como era previsto, o pronome de tratamento *você* foi usado em todos os diálogos. Sabemos que é um pronome de tratamento padrão, muito apresentado por professores em sala de aula e por livros didáticos de português para estrangeiros.

Com essa breve análise, pudemos apresentar como os alunos estrangeiros usam os pronomes e as formas de tratamento do português do Brasil, em situações informais, com jovens. Podemos verificar que, ao usarem essas

formas de tratamento, eles se aproximam do uso de muitos jovens cariocas (cf. Souza, 1996). É necessário salientarmos que formas de tratamento como *cara* eram usadas pelos alunos (entre eles) durante as aulas de português.

A seguir, apresentaremos uma possível explicação para esse resultado.

4.2.

Atitude diante dos brasileiros

1. Os brasileiros são muito sociáveis, alegres e receptivos.

Nessa primeira afirmação, buscávamos a opinião dos alunos em relação ao comportamento dos brasileiros.

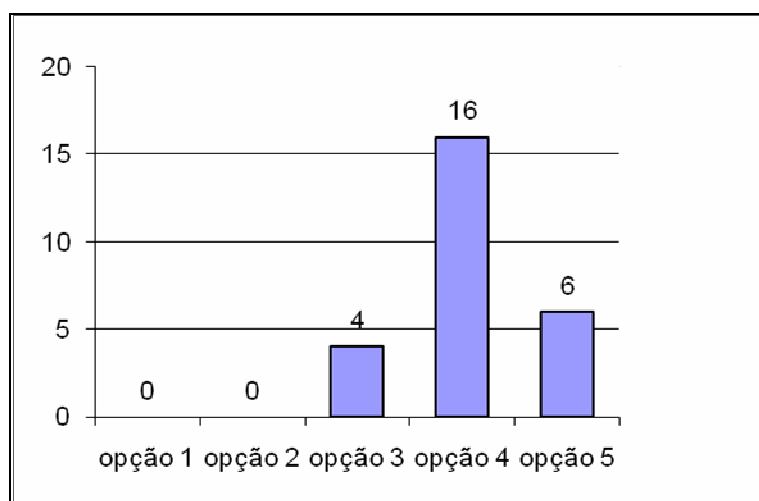


Gráfico 4.1: Os brasileiros são muito sociáveis, alegres e receptivos – 2005.1

Ao observarmos o gráfico, podemos notar que a atitude em relação ao comportamento dos brasileiros foi positiva, já que 16 alunos concordaram que somos sociáveis, alegres e receptivos. 6 alunos concordaram integralmente, enquanto apenas 4 alunos se mostraram indiferentes, optando pela opção 3 (não concordo nem discordo).

Essa alta receptividade ao comportamento dos brasileiros pode ser vista em uma das redações feitas por um aluno estrangeiro:

Desde um primeiro momento senti essa familiaridade para comigo, tanto de parte de meus colegas de estudo, como também um meus professor, é claro que existem exceções... Na casa na qual moro agora, a dona é muito boa, ela parece gostar muito de mim assim como eu dela. Também com meu anterior proprietário de casa, eu mantenho uma excelente relação de amizade.

Precisamos salientar que alguns alunos estrangeiros fazem cursos de pós-graduação na universidade, por isso têm um contato maior com estudantes brasileiros. Além disso, parte dos estudantes vive com famílias brasileiras. Esse contato é sempre importante para que eles possam vivenciar nossa cultura e nossa língua dia a dia.

No entanto, podemos perceber uma pequena diferença no resultado encontrado no segundo grupo analisado (2006.1):

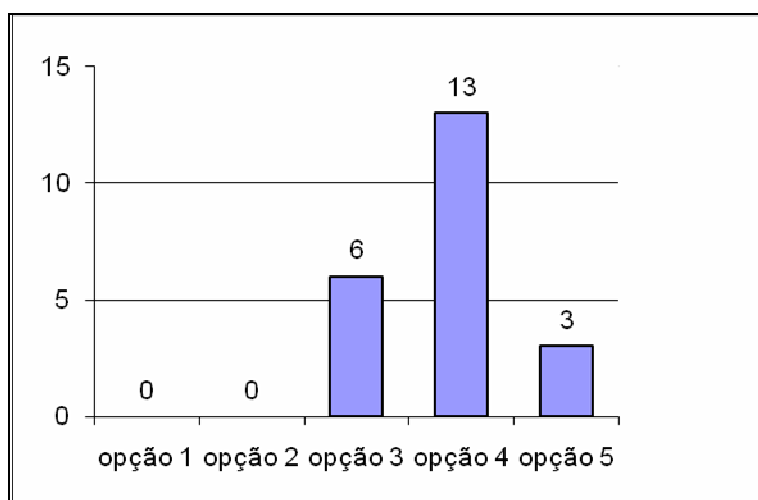


Gráfico 4.2: Os brasileiros são muito sociáveis, alegres e receptivos – 2006.1

Notamos um aumento do número de alunos que se mostravam indiferentes à afirmação. Apesar dessa aparente indiferença, durante as aulas, muitas observações foram feitas por parte dos alunos, que, na maioria das vezes, não entendiam muito bem o comportamento dos brasileiros. Essa atitude, em muitos casos, pode ser influenciada, inclusive, pelos próprios brasileiros, como podemos observar no trecho da redação de um aluno:

Uma das primeiras coisas que aprendi da minha família em Salvador foi o famoso “jeitinho brasileiro”. Meu irmão brasileiro me avisou que embora todo brasileiro pareça totalmente bom, com motivos totalmente bons, não é assim muitas vezes. Aprendi rápido que os amigos que começam a falar comigo na rua de repente queriam me vender alguma coisa.

Músicas, cartões postais, propagandas, filmes, comerciais, entre muitas outras imagens que são exportadas para outros países, podem fazer com que os

estrangeiros construam uma imagem um pouco negativa dos brasileiros, como vimos em relação ao jeitinho brasileiro.

No Japão, por exemplo, está sendo vendido um CD cuja capa é um estereótipo comum da mulher brasileira:



Fernanda, uma expatriada brasileira que mora no Japão, em seu blog, afirma que “essas imagens de Brasil, de brasileiras, de Rio de Janeiro como uma bunda imensa me cansa... Afinal, essa imagem vende. E os próprios brasileiros são responsáveis pela construção dessas imagens...”³ São imagens como esta que ajudam a delinear a imagem que o estrangeiro tem dos brasileiros e, muitas vezes, a construir uma atitude negativa.

Embora haja comentários como o anterior feito pelo aluno estrangeiro, ainda percebemos uma percentagem alta de atitude positiva em relação aos brasileiros. Alguns alunos, dentre os que concordaram com a afirmação proposta, apresentam a opinião a seguir:

Os brasileiros sempre são carinhos entre eles mesmos e com os estrangeiros também. Sempre falam o apelido de alguém, por exemplo “mayazinha” em vez de “maya”. E não fazem isso com o nome da pessoa só; também com outras palavras. Os brasileiros sempre querem fazer uma outra pessoa sentir a vontade. Eles se ajudam se for preciso.

³ Foto e citação retiradas da página da internet: <http://viajarnaviagem.splinder.com/archive/2007-01>, acessada dia 29/09/2007.

Podemos notar que, como afirmam Gardner e Lambert (cf. Brown, 1994), a atitude dos aprendizes em relação aos membros do grupo cultural da língua que eles estão aprendendo, no nosso caso os brasileiros, é fundamental para o sucesso na aquisição da língua alvo: a língua portuguesa. Podemos confirmar esse conceito com o resultado encontrado nas afirmações a seguir.

2. Quanto mais eu conheço sobre os brasileiros e sua cultura, mas eu quero aprender a língua portuguesa.

Nessa afirmação, procurávamos a opinião dos alunos estrangeiros sobre a relação do brasileiro com sua própria cultura, e de que maneira os alunos percebem isso através da língua portuguesa.

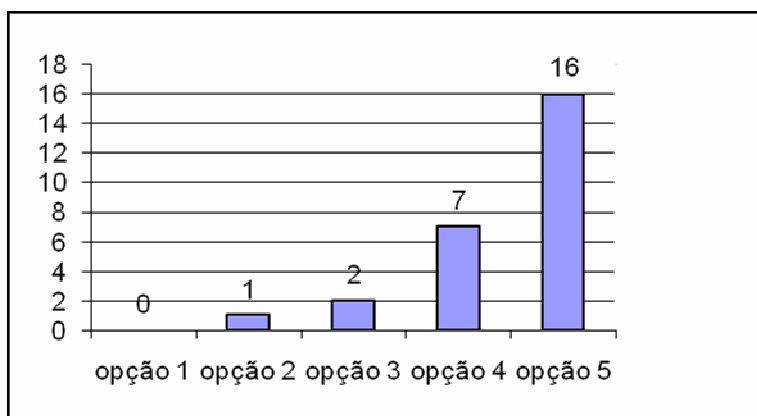


Gráfico 4.3: Quanto mais eu conheço sobre os brasileiros e sua cultura, mas eu quero aprender a língua portuguesa – 2005.1

Observando o gráfico, podemos notar que a grande maioria concordou com a afirmação: 16 alunos concordaram integralmente e 7 apenas concordaram. 2 alunos se mostraram indiferentes à afirmação e apenas 1 não concordou.

Como os alunos estão imersos na cultura brasileira, muitas vezes morando com brasileiros, como já afirmamos, eles presenciam situações que comprovam o que foi encontrado no resultado acima:

Fui de férias com alguns amigos brasileiros, e todo mundo chamou o pai do meu amigo de 'tio', apesar de não conhecê-lo. Antes disso, eu nunca tinha pensado na possibilidade de ser tão informal com pessoas bem mais velhas; na minha vida sempre era todo respeito, senhor ou senhora. Agora, eu gosto muito do fato de que eu posso chamar os pais dos meus amigos de tio/tia; me sinto parte da família deles. Mas às vezes ainda é um pouco estranho, apesar de ser um parte

intrínseca da cultura brasileira. O assunto era interessante quando a gente discutiu, mas era mais interessante ainda quando eu vi e ouvi-o na realidade pela primeira vez.

Podemos perceber que, apesar do estranhamento, o aluno teve uma atitude bastante positiva em relação ao acontecimento e se sente bem ao fazer uso da proximidade do tratamento como os brasileiros.

Por outro lado, novamente, o resultado encontrado nas respostas dadas pelo grupo de 2006.1 apresentou algumas diferenças.

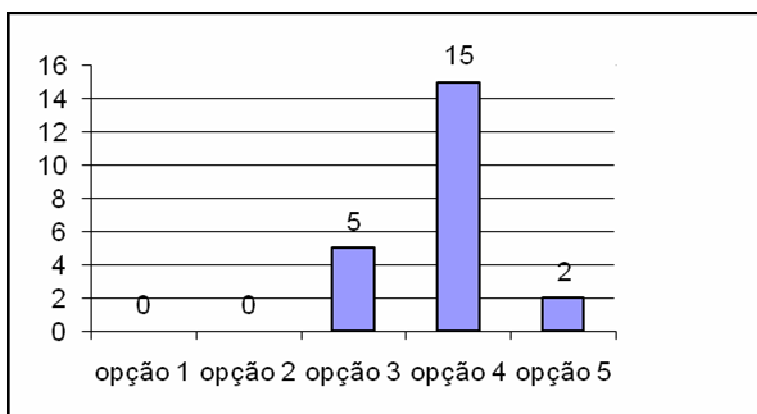


Gráfico 4.4: Quanto mais eu conheço sobre os brasileiros e sua cultura, mais eu quero aprender a língua portuguesa – 2006.1

Em comparação com o resultado de 2005.1, o resultado de 2006.1 apresenta um crescimento significativo de alunos que se mostraram indiferentes à afirmação proposta. O número de alunos que concordaram com a afirmação, como no resultado anterior, também foi grande.

De minha experiencia, os brasileiros são pessoas amáveis e atenciosas. O maioria dos brasileiros fez extra quando eu lhe perguntei alguma coisa. Também, acho que os brasileiros não têm vergonha de falar sobre os problemas do Brasil comigo. Isso, para mim, é muito importante para aprender sobre a cultura e a sociedade no Brasil.

Como havíamos afirmado anteriormente, esse contato com os brasileiros é importante para a aquisição da língua portuguesa. Veremos, mais adiante, que é uma das melhores estratégias de aprendizado.

3. Falar com os brasileiros vai ajudar a melhorar o meu português.

Nessa afirmação era importante observar a importância do contato com os brasileiros, a compreensão através dos diferentes sotaques e expressões encontradas no país e como o aluno estrangeiro reage a essa interação.

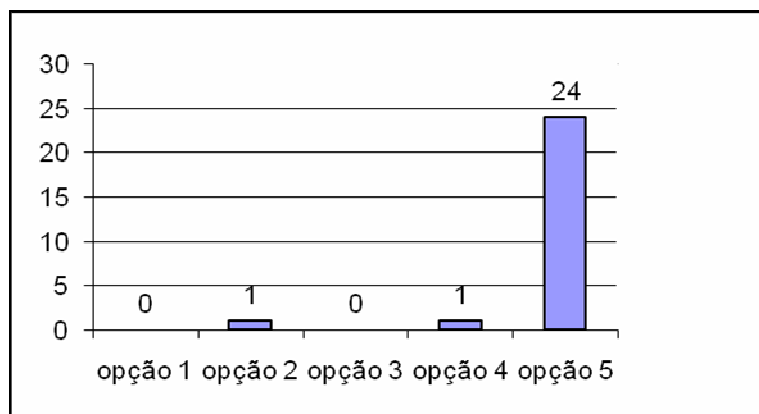


Gráfico 4.5: Falar com os brasileiros vai ajudar a melhorar o meu português – 2005.1

A interação com os brasileiros é, sem dúvida, um grande auxílio no aprendizado do português como segunda língua, e uma das principais estratégias de aprendizagem usada (cf. tópico 4.10). 24 dos 26 alunos que participaram da pesquisa concordaram integralmente com a afirmação apresentada. 1 aluno concordou e apenas 1 aluno discordou da afirmação.

Alguns alunos, depois de passarem alguns meses no Brasil, passam a falar como os brasileiros, usando expressões em seus devidos contextos de uso:

Em geral brasileiros são pessoas muito alegres e gostam de fazer amigos com todo mundo. Mas, eles também falam muitas mentiras como “passa lá em casa” ou “eu te ligo”. Estas são formalidades muita simpáticas mas usualmente não querem dizer que eles vão te ligar. Não é que eles não gostam de você, é mais que eles têm uma vida ocupada com família, amigos do colégio e várias outras coisas e não têm tempo para ligar para todas estas amigos “novos”. Depois de alguns meses morando aqui eu estou fazendo a mesma coisa.

Expressões como as que foram citadas pelo aluno são muito comuns no Rio de Janeiro e podem ser mal interpretadas pelos alunos estrangeiros, que normalmente vêem o carioca como mal educado. A atitude do aluno foi positiva, porque conseguiu perceber que isso faz parte de uma cultura que tenta aproximar as pessoas.

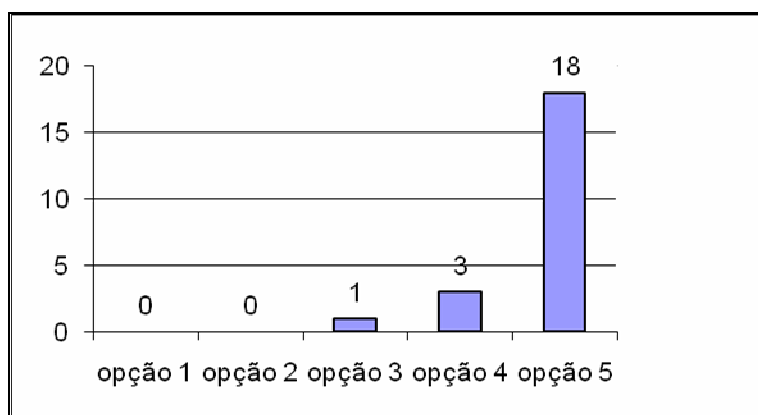


Gráfico 4.6: Falar com os brasileiros vai ajudar a melhorar o meu português – 2006.1

A atitude em relação à interação com os brasileiros, enfocando as expressões usadas e o sotaque, também foi bastante positiva no resultado encontrado no segundo grupo. Por outro lado, esse mesmo contato pode acentuar alguns estereótipos negativos, destacados pelos alunos estrangeiros.

Durante um debate realizado em sala de aula com esse mesmo grupo, um aluno criticou bastante a “falsa cordialidade” do carioca. Segundo ele, “Vamos marcar para sair”, “me liga”, entre outras frases muito usadas no dia-a-dia, não são frases sinceras. O mesmo foi observado por uma aluna, que destacou em sua redação:

Normalmente os brasileiros estão bem dispostos, a maioria pelo menos. Mas isso também tem seu lado mau, porque como o brasileiro sempre está de bem humor e gentil, ele não fala direitinho o que está pensando. Entre amigos brasileiros também passa isso, que eles não estão sinceros com a outra pessoa, porque sempre tentam de ser gentil. Mas depois de ter falado com uma pessoa e não ter sido sincero, o brasileiro gosta muito da fofoca. Não estou dizendo que isso na Suíça não tem, mas acho que o povo suíço é mais direto quanto ao falar as coisas direitinhas para a outra pessoa. Se eu não gosto de uma coisa, e uma pessoa me pergunta se eu goste disso, eu vou falar sinceramente que não. Acho com isso, ser tão direto e aberto, eu vou ter menos problemas.

Podemos perceber, como no trecho acima, que muitas vezes o discurso indireto e a cordialidade do brasileiro são, em alguns casos, confundidos com falta de sinceridade. Se esse aspecto não for bem trabalhado em sala de aula pelo professor, essa opinião pode se tornar uma atitude bastante negativa, prejudicando o aprendizado da língua portuguesa e da cultura brasileira.

4. Gosto de falar como os brasileiros falam.

Aqui, tencionávamos saber se havia uma identificação por parte dos alunos estrangeiros com a maneira de falar do brasileiro. Sotaques, expressões e gírias fazem parte dessa afirmação.

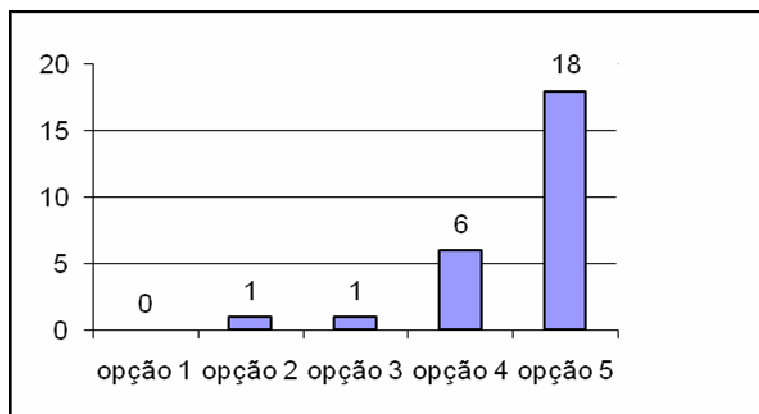


Gráfico 4.7: Gosto de falar como os brasileiros falam – 2005.1

Novamente, grande parte dos alunos escolheu a opção 5 (18 alunos), concordando integralmente com a afirmação, e 6 alunos apenas concordaram. Esses números mostram uma grande identificação dos alunos, confirmando os resultados encontrados até agora.

Eu não vejo nada mal usar a forma brasileira de tratar a gente, eu acho muito interessante e legal a única coisa é que para mim é um pouco diferente mais eu gostaria de usá-la. Seria um pouco divertido e talvez um pouco melhor em termos de comunicação e carinho.

Como vimos anteriormente na análise dos diálogos produzidos pelos alunos estrangeiros, esse contato é muito importante para que compreendam e aprendam o uso dos pronomes e das formas de tratamento em contexto específico (cf. Santos, 2003).

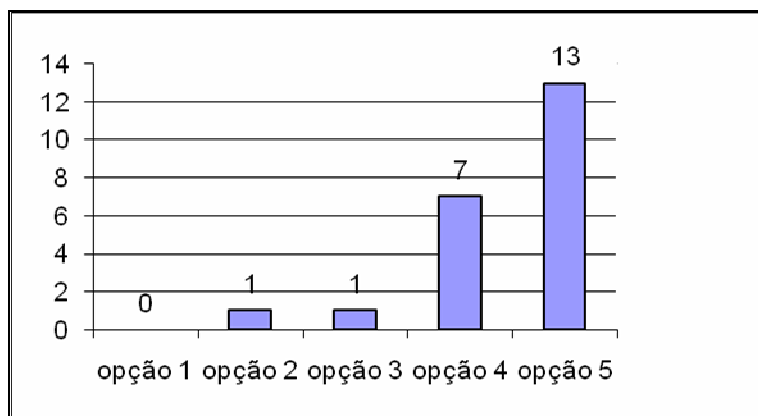


Gráfico 4.8: Gosto de falar como os brasileiros falam – 2006.1

Mais uma vez, o resultado encontrado na análise das respostas do segundo grupo foi semelhante com o do primeiro grupo. Embora essa semelhança tivesse se repetido, observamos opiniões um pouco diferentes em sala de aula.

Uma aluna falou, durante o debate em sala de aula, sobre o estereótipo de o brasileiro ser indireto em seus comentários. Segundo suas observações, ao contrário do que foi exposto por outra aluna na afirmação anterior, os brasileiros se mostraram bastante diretos em suas críticas, seja com relação à roupa, cabelo, entre outros aspectos. Ela destacou o fato de ter parentes brasileiros e de que esse tipo de comportamento é bastante comum entre as pessoas com quem ela convive.

Essa mesma aluna escreveu em sua redação:

Das minhas experiências aqui no Brasil, eu já notei várias vezes em que os brasileiros (specificamente mulheres) querem ser tão úteis e querem ajudar todo mundo toda hora até um ponto que os outros ficam oprimidos. Eu sou um pouco sensível sobre o assunto da minha pele, porque eu sofro algumas vezes de acne. Nos Estados Unidos, é só meu médico que fala comigo sobre minha pele, ou até minhas amigas (mas somente se eu abrir o assunto primeiro). Mas aqui, a dona da casa onde eu estou morando, uma senhora de 62 anos, comentou um dia que a minha pele estava “muito ruim, pior do que nos outros dias”.

Como na afirmação anterior, outro aspecto da cultura brasileira não foi bem compreendido por parte dos alunos estrangeiros: a cordialidade. A preocupação com o outro é, na maioria das vezes, interpretada como invasão de privacidade. Conforme explica Holanda (2003, p. 147):

Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualística da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o

contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas sua sensibilidade e suas emoções.

5. Eu gosto da maneira informal como os brasileiros tratam as pessoas no dia-a-dia.

Para finalizar esse primeiro momento das perguntas, os alunos responderam sobre a atitude deles quando tratados pelos brasileiros da mesma maneira que os brasileiros se tratam no dia-a-dia.

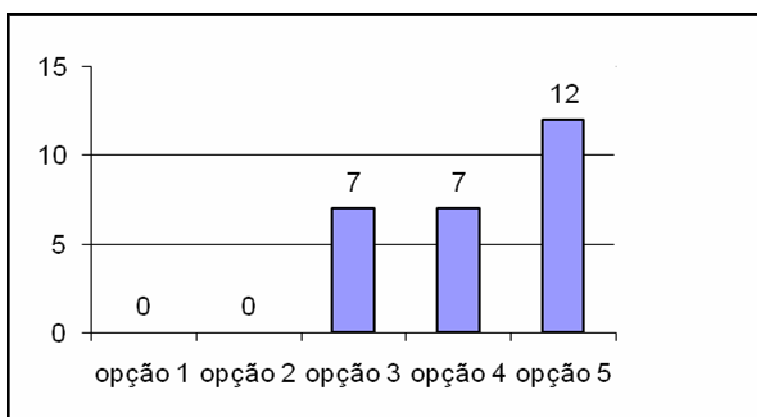


Gráfico 4.9: Eu gosto da maneira informal como os brasileiros tratam as pessoas no dia-a-dia – 2005.1

Aqui as opiniões se dividiram um pouco. A maioria concordou integralmente (12 alunos), mas o restante se dividiu entre concordar e se manter indiferente. Durante as aulas, pudemos perceber que alguns alunos ainda se mantinham incomodados com a proximidade dos brasileiros.

Outra coisa que vem com esse tipo de relação é a necessidade de tocar. Ainda é um pouco estranho para mim dar beijinhos a uma pessoa que eu não conheço. Mas, parece que todo o mundo é família não existem essas regras de passar uma pessoa sem lhe olhando, como existem em Nova Iorque.

Normalmente a questão do toque não é, inicialmente, bem vista pelos estrangeiros. Alguns conseguem se adaptar, outros não. Por outro lado, como foi

observado no resultado, o tratamento é bem visto e bem recebido por muitos alunos estrangeiros:

Na cultura brasileira o jeito de falar com os outros é muito carinhoso, como se todo o povo brasileiro fosse família. [...] O povo brasileiro é uma família e todos se chamam de tio ou tia mesmo si não são da mesma família. Eu acho isto ótimo e faz a todo mundo se sentir bem-vindos!

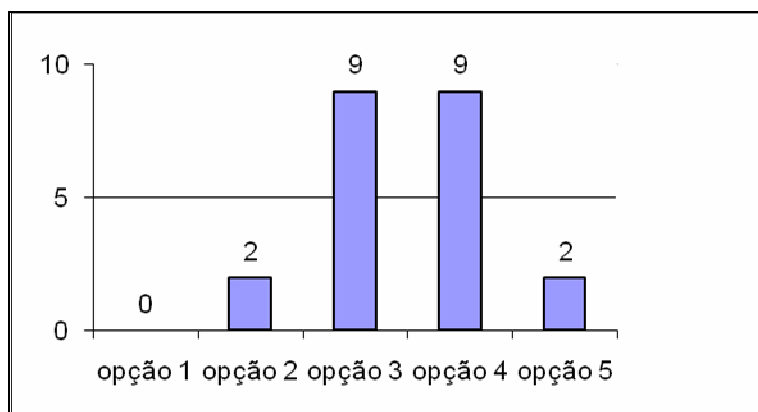


Gráfico 4.10: Eu gosto da maneira informal como os brasileiros tratam as pessoas no dia-a-dia – 2006.1

Ao contrário dos resultados das afirmações anteriores, aqui o resultado do segundo grupo se diferenciou um pouco. O número dos alunos que concordaram integralmente com a afirmação diminuiu (apenas 2), aumentou o número dos alunos que se mostraram indiferentes (9 alunos) e 2 alunos discordaram.

Durante o debate em sala de aula, um aluno destacou a questão do espaço entre as pessoas. Ele afirmou não se sentir à vontade ao conversar com pessoas que falam muito perto dele e que muitas vezes fica “molhado” com a saliva das pessoas. Alguns poucos alunos afirmaram se sentir à vontade em relação à proximidade dos brasileiros ao se tratarem dia a dia.

A indiferença pode ser notada na redação dos alunos:

O comportamento de qualquer pessoa é uma coisa que é facilmente relacionado com o país dela. Eu acho que é muito fácil para descrever um brasileiro como uma pessoa amável, carinhoso, atencioso e todas as outras palavras que pode fala sobre uma pessoa amável. Mas, eu acho que você pode encontrar pessoas que eu falei em cada país do mundo. Nos Estados Unidos, pessoalmente, eu acho que você pode encontrar pessoas como o brasileiro típico na Califórnia.

No entanto, é importante salientar que, nesse mesmo grupo, alguns alunos se adaptaram bem à maneira informal do tratamento do brasileiro:

É muito fácil ser crítica dos brasileiros e seus costumes, porque é uma nova cultura para mim com muitas características interessantes. Mas, eu prefiro enfocar o bem porque a verdade é que depois cinco meses aqui, eu adoro partes desta cultura e eu queria trazer comportamentos específicos comigo aos Estados Unidos quando eu voltar.

Como já afirmamos anteriormente, a interação com os brasileiros é extremamente importante no processo de aquisição da língua portuguesa e da cultura brasileira. De uma maneira geral, através dos resultados, observamos que a atitude dos alunos estrangeiros, nesse primeiro momento, foi positiva, o que pode, entre outros fatores, ter facilitado o aprendizado dos pronomes e das formas de tratamento. Veremos esse fato mais adiante.

4.3. Atitude diante da cultura brasileira

6. Eu gosto de estudar sobre a cultura brasileira.

Nesse novo tópico, buscávamos saber a atitude dos alunos estrangeiros no que se refere à cultura brasileira (proximidade, por exemplo). Nessa afirmação, nosso interesse era saber a opinião dos alunos em relação à cultura brasileira de uma maneira geral.

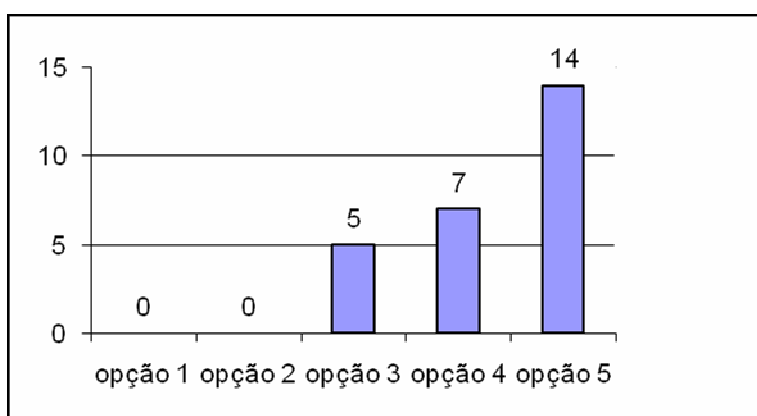


Gráfico 4.11: Eu gosto de estudar sobre a cultura brasileira – 2005.1

O interesse pela cultura brasileira foi grande, já que 14 alunos concordaram integralmente e 7 apenas concordaram. 5 alunos se mostraram indiferentes. Sabendo que esses alunos já estão no Brasil há pelo menos 4 meses, os alunos que se mostraram indiferentes podem não ter se adaptado a algum aspecto da nossa cultura, apresentando no questionário uma atitude “neutra”, isto é, nem negativa nem positiva.

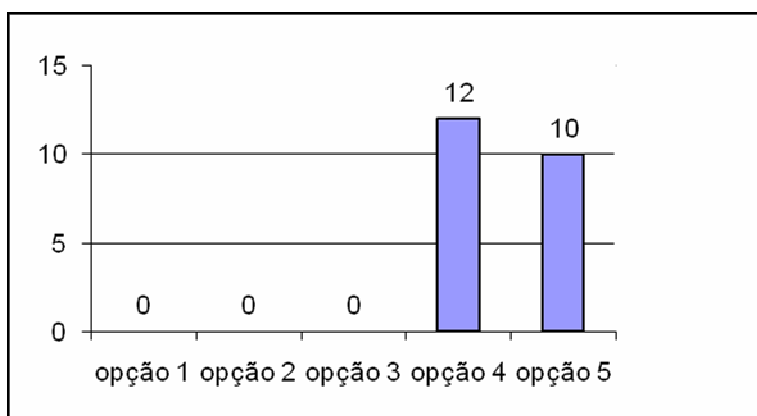


Gráfico 4.12: Eu gosto de estudar sobre a cultura brasileira – 2006.1

O segundo grupo foi unânime ao concordar com a afirmação. É importante atentarmos para o fato que nesse primeiro momento, não é feita uma distinção entre cultura objetiva e cultura subjetiva (cf. capítulo 1). Aqui, nessa afirmação, é comum os alunos pensarem em músicas, literatura, filmes, entre outras fontes de cultura.

7. Eu gosto da proximidade presente na cultura brasileira.

Aqui nessa afirmação, diferentemente das anteriores, estamos enfocando a proximidade na cultura brasileira de uma maneira geral, já que muitos alunos podem ter pensado não só na nossa maneira de tratar as pessoas, mas também na nossa maneira de fazer pedidos, de negar, entre outras.

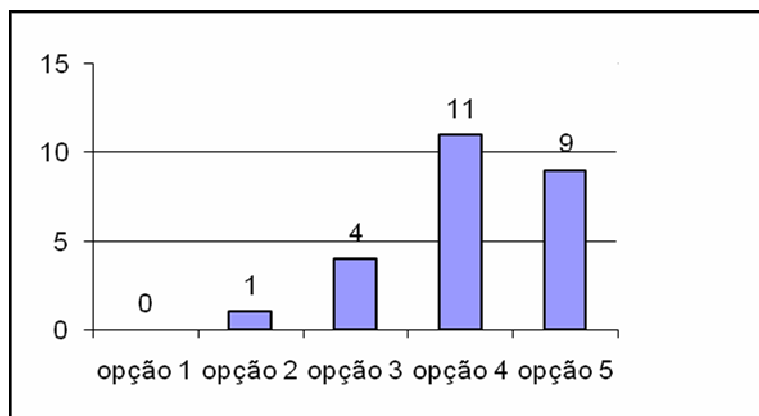


Gráfico 4.13: Eu gosto da proximidade presente na cultura brasileira – 2005.⁴

A maioria dos alunos respondeu que concordam com a afirmação, isto é, gostam da proximidade presente na nossa cultura. 9 alunos concordaram integralmente; entretanto, 4 alunos se mostraram neutros e 1 aluno discordou. Como afirmamos anteriormente, alguns alunos não se identificam com a nossa proximidade ou até mesmo não gostam. Normalmente os brasileiros são vistos como invasivos. Essa atitude negativa pode criar estereótipos que, posteriormente, prejudicam o aprendizado da Língua Portuguesa.

Por outro lado, a atitude positiva em relação à nossa cultura facilita o contato dos alunos com os brasileiros e, conseqüentemente, o aprendizado da nossa língua.

Um aspecto da cultura brasileira que eu acho muito interessante é as relações entre pessoas. No Brasil, tudo é muito mais familiar, com estudantes chamando as professoras na escola de tio e tia para parecer outra família. Nos Estados Unidos, nunca seria permitido abraçar um professor. Aqui parece mais importante conhecer uma pessoa, parar para falar com gente na rua. Lá, dinheiro é mais importante, e como todo americano sabe “tempo é dinheiro”. Então, ninguém pára para dizer ‘oi’ ou para perguntar sobre a família. E eu nem consigo imaginar o que aconteceria se tentasse falar com outra pessoa no metrô em Nova Iorque durante o ‘rush tour’. Mas aqui, eu falo com todo mundo, no táxi, na rua, na praia, no boate, na fila, etc.

⁴ Um aluno não respondeu a essa afirmação.

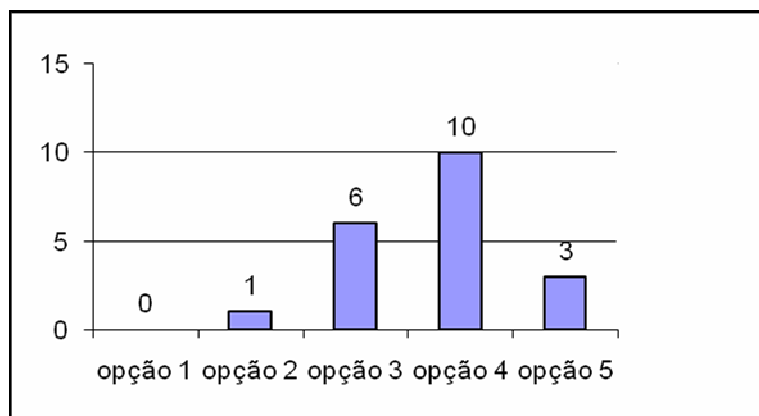


Gráfico 4.14: Eu gosto da proximidade presente na cultura brasileira – 2006.⁵

O resultado do segundo grupo foi semelhante ao do primeiro. Entretanto, o número de alunos que se mostrou indiferente foi um pouco maior. É necessário salientarmos, mais uma vez, que o questionário foi respondido depois do debate realizado em sala.

Ao compararmos os dois grupos, é importante ressaltarmos que, apesar de os gráficos terem sido semelhantes, os comportamentos em sala de aula eram muito diferentes. Como ressaltamos, essa afirmação não enfocava apenas o tratamento.

O dia-a-dia das aulas do primeiro grupo era sempre enriquecido com observações feitas pelos alunos a partir do que era vivenciado por eles. Esse fato tornava a aula dinâmica e mostrava que a interação com os brasileiros era, sem dúvida, uma das principais estratégias de aprendizado, embora não tivéssemos pesquisado esse tópico com esse grupo.

Por outro lado, as aulas com o segundo grupo não eram tão dinâmicas. Os alunos atinham-se apenas ao que era apresentado pela professora. Quando algum assunto relacionado à cultura era abordado, primeiramente, o mesmo era questionado e um pouco criticado pelos alunos. Após algumas explicações dadas pela professora, os alunos se mostravam mais receptivos ao assunto.

Esse tipo de comportamento é normal, esperado e pode representar uma distância social. Como afirma Brown (2000, p. 185):

O conceito de **distância social** emergiu como um conduto afetivo para dar poder explicatório ao lugar do aprendizado de cultura no aprendizado de segunda língua. A distância social se refere à proximidade afetiva e cognitiva de duas culturas que

⁵ Dois alunos não responderam essa afirmação.

estão em contato dentro do indivíduo. “Distância” é obviamente usada no sentido metafórico para descrever a assimilaridade entre duas culturas.⁶

8. Eu acho interessantes alguns traços culturais presentes na língua portuguesa, como as formas de tratamento.

Nessa afirmação, enfocamos mais o nosso objetivo e ponto principal do nosso trabalho: os pronomes e as formas de tratamento.

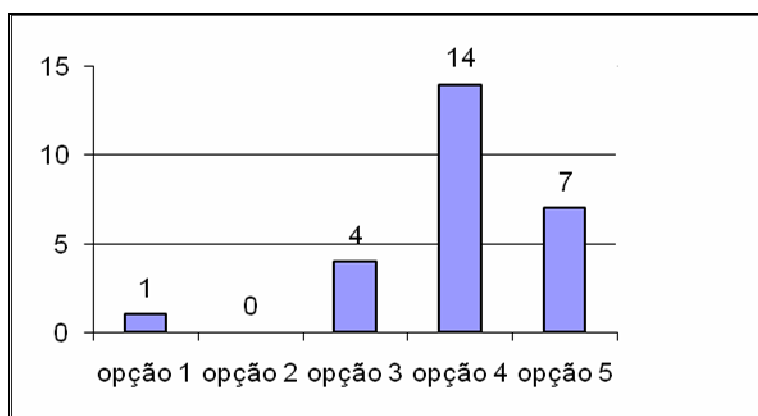


Gráfico 4.15: Eu acho interessante alguns traços culturais presentes na língua portuguesa, como as formas de tratamento – 2005.¹

Ao observarmos o gráfico, percebemos que, novamente, a atitude em relação à nossa cultura foi positiva: 14 alunos concordaram com a afirmação e 7 concordaram integralmente. É importante salientarmos que 1 aluno discordou completamente. Esse mesmo aluno respondeu, na afirmação anterior, que gostava da proximidade presente na cultura brasileira, assinalando a opção 4. Sabendo, pelo questionário respondido, que este aluno é de nacionalidade argentina (cultura latina) e que durante as aulas nunca apresentou reclamação a respeito do assunto, concluímos que uma razão particular, alheia a nossas pesquisas, pode ter motivado o aluno a escolher a opção 1.

Por outro lado, confirmando a atitude positiva, um aluno escreveu em sua redação:

Um aspecto da cultura brasileira que foi discutido em sala que acho legal é o tratamento dos adultos. Por exemplo nas escolas no Brasil os meninos chamam a professora de tia, ou também seus maiores de idade de tia e tio. Eu acho isto

⁶ The concept of **social distance** emerged as an affective construct to give explanatory power to the place of culture learning in second language learning. Social distance refers to the cognitive and affective proximity of two cultures that come into contact within an individual. “Distance” is obviously used in a metaphorical sense to depict dissimilarity between two cultures.

muito legal porque aproxima a gente. Não sei mas eu acho muita gente neste mundo muito frios com gente desconhecida estão eu acho que isto faz que a gente se aproxime. Eu tenho uma amiga que dá aulas para crianças e eles lhe chamam de tia e ela gosta muito e se sente melhor com eles agora que eles se aproximaram a ela.

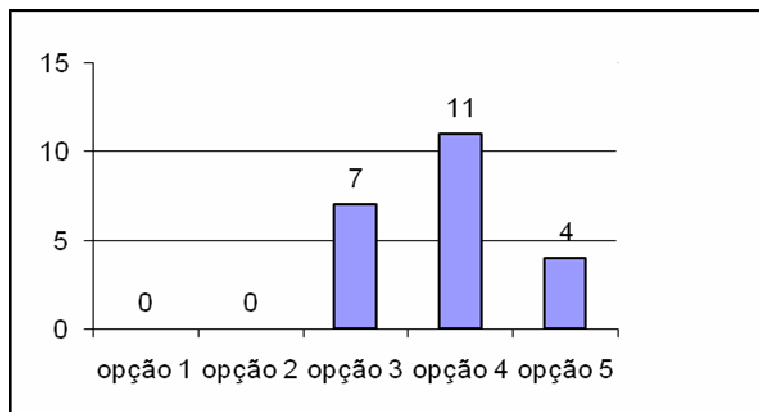


Gráfico 4.16: Eu acho interessante alguns traços culturais presentes na língua portuguesa, como as formas de tratamento – 2006.1

O segundo grupo apresentou, no resultado do questionário, uma atitude bastante positiva. Como afirmamos algumas vezes, esse questionário foi respondido após termos realizado, em sala de aula, um debate sobre o assunto enfocado.

Durante o debate, pudemos observar uma atitude um pouco negativa em relação ao tratamento na cultura brasileira. Esse tema “tratamento” foi bastante expandido pelos alunos. Eles não discutiram apenas a questão da proximidade e do distanciamento, mas também discutiram a questão de o brasileiro ter a fama de ajudar a todos e isso não ser observado por alguns alunos no dia-a-dia.

Um dos alunos que mais questionou o assunto abordado (tratamento) é de nacionalidade alemã. Ele se mostrou fechado à diferença existente entre as culturas alemã e brasileira. Em sua redação, uma das observações apontadas foi:

Eu gostaria falar sobre a relação professor e estudante porque eu encontrei, e consegui observar uma diferença que eu ainda não conheci. Fazer intercambio significa conhecer uma outra cultura, uma outra vida e alem disso também uma outra convivência entre as pessoas.

A convivência entre professores e estudantes é especial para me porque eu cresci em uma relação diferente. O professor ou a professora que estava com um ideal na minha cabeça eram essas pessoas conservadoras que insinaram uma matéria sem pular fora do assunto.

Em seu questionário, esse aluno, para essa afirmação, respondeu que concordava, ou seja, que achava interessante a questão das formas de tratamento na Língua Portuguesa. Esse mesmo aluno não respondeu a afirmação anterior sobre a proximidade na cultura brasileira.

É importante observarmos a mudança de atitude do aluno que terminou sua redação esclarecendo:

O maioria dos estudantes tem uma boa relação com os professora. Lá na Alemanha e aqui no Brasil, mas o conceito é realmente bastante diferente. Aqui é comum bater um papo com o professor, trocar novidades do final da semana ou fazer piadas. Mas quando a aula começou os professores voltam para o assunto do incino, a relação amigável parou – seria bom se fosse assim!

9. Eu acho muito interessante a diferença cultural existente no Brasil.

Por último, esperávamos com essa afirmação confirmar a opinião dos alunos estrangeiros no que tange à cultura brasileira e, mais especificamente, às diferenças culturais existentes no Brasil (mistura de raças, influência de outras culturas, religiosidade, entre outros aspectos).

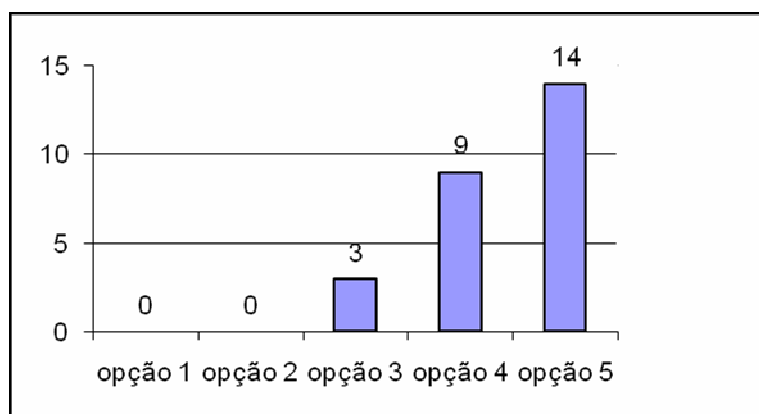


Gráfico 4.17: Eu acho muito interessante a diferença cultural existente no Brasil – 2005.1

O resultado é bastante coerente com o que foi encontrado até agora. 14 alunos concordaram integralmente e 9 alunos concordaram com a afirmação. Apenas 3 alunos se mostraram indiferentes.

Se observarmos as redações que foram escritas no primeiro dia de aula, os alunos possuíam uma motivação integrativa e, ao entrarem em contato com a cultura brasileira, a atitude foi bastante positiva.

Não tinha muitas expectativas sobre o Brasil. Mas eu não poderia ter previsto que eu ia gostar tanto da cultura e que eu ia querer ficar aqui por muito tempo. Quero dizer que nos últimos anos tenho viajado pelo México, pela Espanha e pela Argentina e embora eu gostasse dessas experiências, ao fim do meu tempo naqueles países sempre estava pronta para voltar à casa. Nunca passei mais do que 6 meses fora do meu país e agora não sinto nem um pouco de saudade de minha cidade. Também um ano atrás eu decidi tirar uma aula intensiva de português para pessoas que falam espanhol. Eu não sabia quase nada do Brasil e entrei naquela aula e tudo mudou. Eu comecei aprender sobre o mundo lusófono e minha apreciação pelo português explodiu. Decidi ir para o Brasil e desde então tenho praticado e decorado tudo para me preparar para essa experiência. E agora que estou aqui quase não sou capaz de acreditar que estou no Brasil.

[...] Decidi vir para Brasil porque eu queria aprender português. Também, eu decidi estudar em Rio porque eu adoro Brasil e acho que os brasileiros são os melhores pessoas no mundo. Espero que eu encontro muitos amigos brasileiros e talvez encontro uma namorada brasileira porque eu acho que uma namorada é o melhor maneira para aprender uma língua. O que eu faria ainda estivesse no meu país, eu que eu estivesse entediado e um pouco triste porque depois de 3 anos eu espero ficar em Brasil.

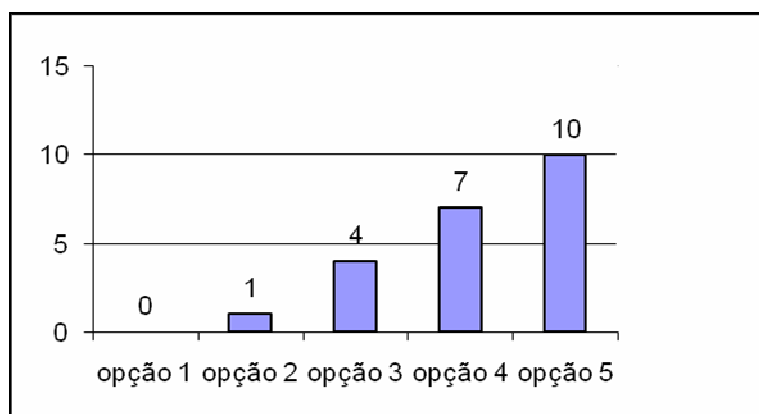


Gráfico 4.18: Eu acho muito interessante a diferença cultural existente no Brasil – 2006.1

O resultado encontrado aqui também foi coerente, visto que, em alguns momentos, encontramos alunos que discordavam de algumas afirmações.

É importante salientarmos que o aluno que discordou da afirmação é peruano e já estava no Brasil há 1 ano e 5 meses. Este aluno cursava o mestrado em engenharia e tinha muito contato com os brasileiros. As respostas das outras afirmações dadas por ele flutuaram ora concordando ora se mostrando indiferente.

Na redação escrita nos primeiros dias de aula, esse aluno apresentava uma atitude positiva em relação à cultura e aos brasileiros:

Até uns dois anos, eu tinha pensado fazer estudos da post-graduação no Brasil, por que eu queria aprender mais de engenharia além disso eu gostava muito da cultura brasileira.

Por isso em fevereiro do 2005 viajei com muita alegria e cheia de expectativas pois tinha pensado morar até o 2007. Eu fiz o viagem pelo bus, desde minha cidade "Arequipa" no Peru até Rio de Janeiro no Brasil; durante quase uma semana. Desde o primer instante que cheguei, gostei de seu clima, o jeito de falar o português, a comida brasileira, a gente, mas uma das coisas que eu não gostei foi as crianças na rua e problema do tráfico de drogas nas favelas.

Percebemos que o aluno tinha uma motivação integrativa quando chegou ao Brasil. É possível que fatores sócio-econômicos tenham influenciado essa discordância em relação à afirmação.

Ao analisarmos todas as afirmações desse bloco, notamos que, assim como em relação aos brasileiros, a atitude foi positiva em relação à nossa cultura. Há um natural estranhamento no contato com a nossa proximidade e, em especial, com o tratamento na cultura brasileira. Nos casos em que pudemos observar uma atitude mais negativa, uma sutil mudança foi percebida ao expormos os alunos a exemplos e atividades que apresentassem exemplos de pronomes e formas de tratamento, em diferentes contextos.

4.4.

Interesse em línguas estrangeiras

10. Se eu estivesse visitando um país estrangeiro, eu gostaria de poder falar a língua desse país.

Nesse novo tópico, tencionávamos saber sobre o interesse do aluno em aprender línguas estrangeiras. Vamos tentar fazer uma ponte com o que foi observado em sala de aula, ou seja, se o aluno tinha interesse em aprender novas línguas, e como ele dedicou seu tempo ao aprendizado do português como segunda língua.

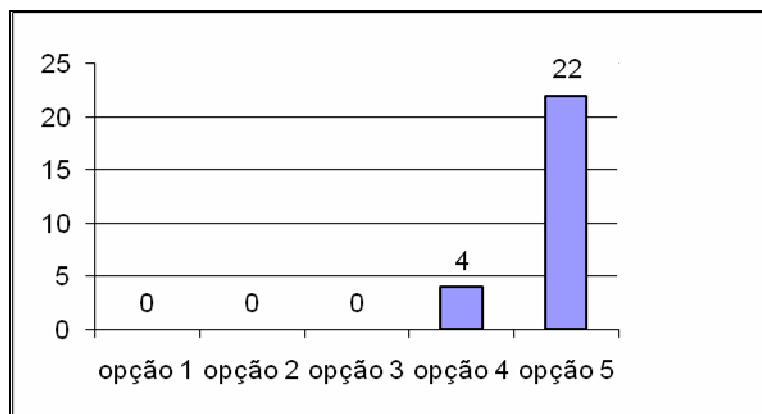


Gráfico 4.19: Se eu estivesse visitando um país estrangeiro, eu gostaria de poder falar a língua desse país – 2005.1

Nessa afirmação foi unânime o resultado, ou seja, todos os alunos se mostraram interessados em aprender uma nova língua, quando estivessem visitando um país estrangeiro. 22 alunos concordaram integralmente com a afirmação e 4 alunos apenas concordaram.

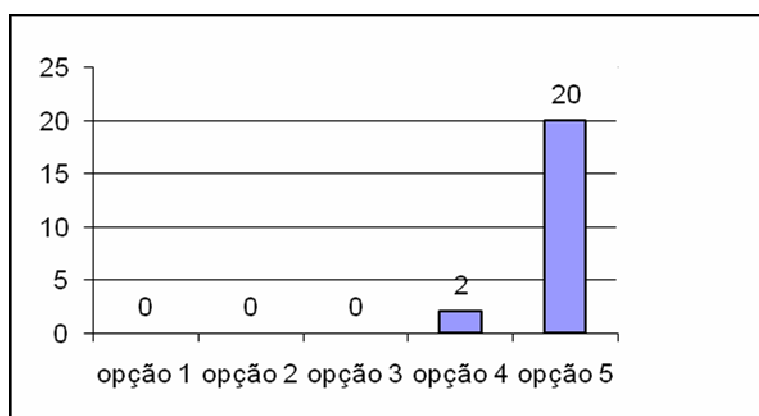


Gráfico 4.20: Se eu estivesse visitando um país estrangeiro, eu gostaria de poder falar a língua desse país – 2006.1

Percebemos que o resultado não foi diferente do que foi encontrado na análise do primeiro grupo. O interesse em aprender uma língua estrangeira quando se está visitando um país é grande. Podemos confirmar esse fato com as redações escritas no início do semestre (anexos 5 e 6).

11. Eu quero ler livros de uma língua estrangeira no original, sem tradução.

Aqui esperávamos confirmar o interesse do aluno no aprendizado de uma língua estrangeira.

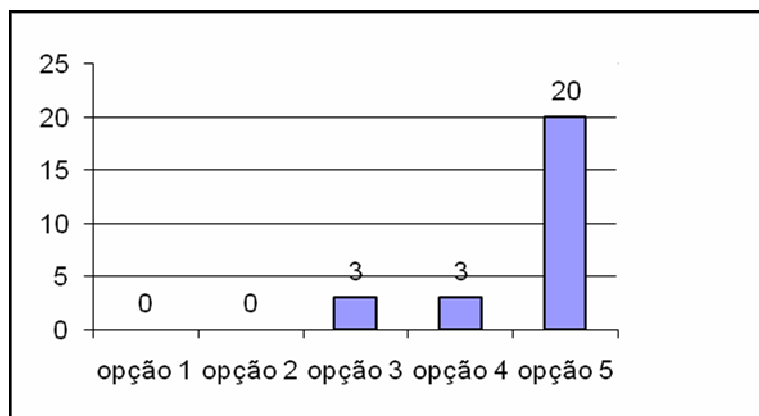


Gráfico 4.21: Eu quero ler livros de uma língua estrangeira no original, sem tradução – 2005.1

Assim como na afirmação anterior, a grande maioria concordou integralmente, isto é, gostariam de ler um livro de língua estrangeira no idioma original, sem tradução. Os alunos mostraram bastante interesse em leituras na língua alvo. Romances, contos, notícias de jornais e revistas, e até mesmo páginas na internet para pesquisa em português foram utilizados pelos aprendizes a fim de aperfeiçoarem a língua portuguesa.

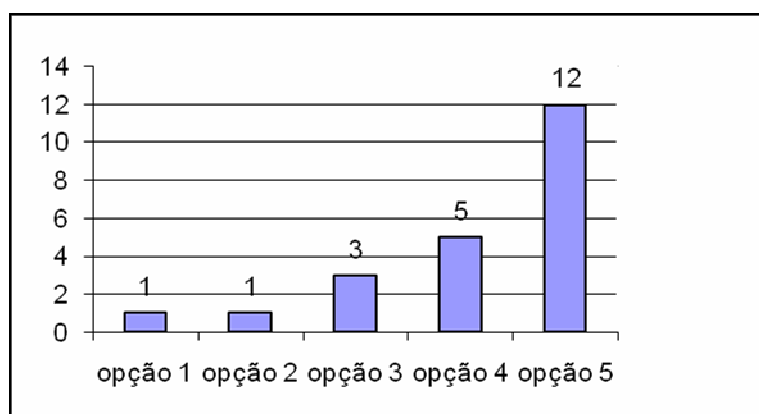


Gráfico 4.22: Eu quero ler livros de uma língua estrangeira no original, sem tradução – 2006.1

No segundo grupo, é interessante observarmos que apenas dois alunos não concordaram com a afirmação. Esses mesmos alunos, no questionário, responderam que ler jornais, livros e revistas ajuda no aprendizado do português.

Como afirmamos acima, diferentes gêneros textuais da língua escrita são usados em sala de aula a fim de desenvolvermos a proficiência desses aprendizes que estavam no nível intermediário. O segundo grupo, assim como o primeiro, sempre se mostrou receptivo às atividades de leitura, buscando a ajuda

do dicionário bilíngüe quando necessário. Os dois grupos leram um livro em português para fazerem um trabalho como forma de avaliação.

Sendo assim, ao analisarmos os questionários e baseando-nos nas observações feitas em sala de aula, acreditamos que os dois alunos que discordaram da afirmação não tenham compreendido a mesma.

12. Se eu planejasse ficar em um país estrangeiro, eu me esforçaria para aprender a língua ainda que eu pudesse falar inglês.

Com essa afirmação, esperávamos saber se realmente havia o interesse dos alunos em praticar uma língua estrangeira. Como a grande maioria é falante de inglês, com muito bom conhecimento de espanhol, poderia haver uma forte influência dessas línguas no dia-a-dia dos aprendizes.

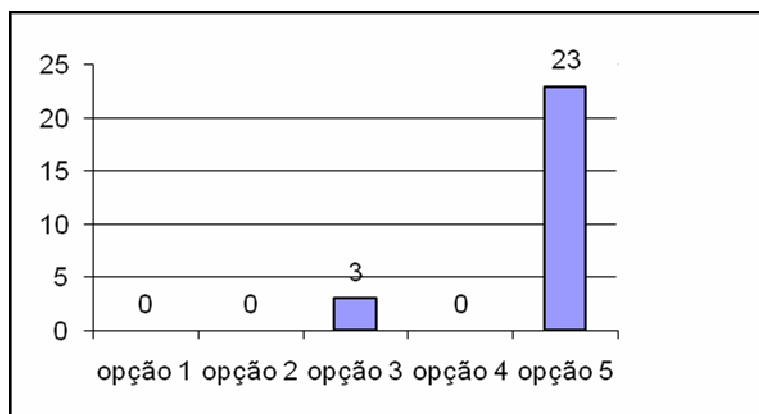


Gráfico 4.23: Se eu planejasse ficar em um país estrangeiro, eu me esforçaria para aprender a língua ainda que eu pudesse falar inglês – 2005.1

O resultado encontrado foi surpreendente, mas também coerente com o que era observado em sala de aula. 23 alunos concordaram integralmente com a afirmação, ou seja, sempre que podem eles se esforçam para aprender a língua do país estrangeiro, mesmo que possam falar o inglês. Apenas 3 alunos se mostraram indiferentes à afirmação.

Na sala de aula analisada, era comum encontrarmos alunos conversando, em português, assuntos pessoais ou fazendo planos para o fim de semana, por exemplo. Ao fazerem isso, praticavam a língua alvo e intensificavam o aprendizado da mesma.

[...] Eu decidi vir para o Brasil porque quiero aprender a otra idioma e estudi espanol na passado. Também eu tenho muito interessante na cultura e gente do Brasil. Eu adoro surfar e jogar futebol e ter festas grandes e acho que muitas

brasileiras adoram essas coisas também. No Brasil, quero aprender português. É minha primeira prioridade. Mas tenho que aprender outras coisas também porque preciso-las para graduação na Califórnia.

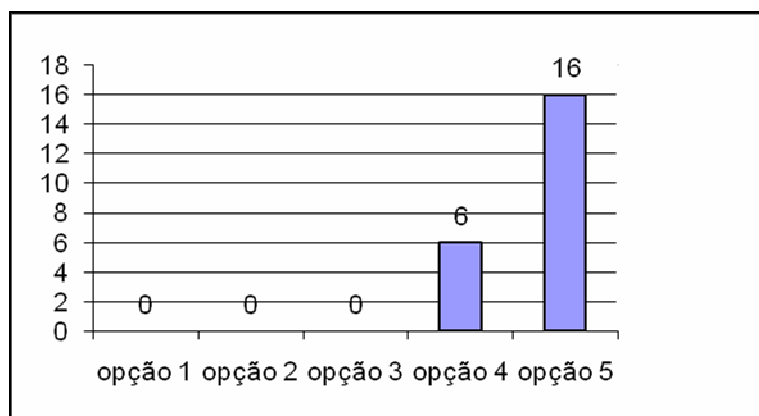


Gráfico 4.24: Se eu planejasse ficar em um país estrangeiro, eu me esforçaria para aprender a língua ainda que eu pudesse falar inglês – 2006.1

O resultado do segundo grupo também foi coerente, já que todos os alunos concordaram com a afirmação. Embora o nível de proficiência do primeiro grupo fosse melhor, o segundo grupo mostrava-se bastante dedicado para praticar a língua portuguesa.

Descobertas e frustrações fazem parte do primeiro contato com a nova língua:

Meus expectativas foram bastante diferentes que minha vinda ao Brasil, mas isso não é um problema, não entendi que o quente é tanto forte que é, e não soube que português é muito muito mais difícil que francês e italiano para mim.

Podemos notar, com a análise dessas três afirmações, que há uma motivação instrumental por parte dos alunos, além da motivação integrativa. É bom lembrarmos que os participantes da nossa pesquisa são alunos universitários. O domínio do idioma é fundamental para alcançarem os objetivos deles com o programa de intercâmbio.

4.5. Atitude diante o aprendizado da Língua Portuguesa

13. Aprender português é realmente muito bom.

Como já tínhamos tido uma constatação da atitude dos alunos estrangeiros em relação à cultura brasileira e aos brasileiros de uma maneira geral, com essa

afirmação tencionávamos investigar a atitude dos alunos diante do aprendizado da Língua Portuguesa.

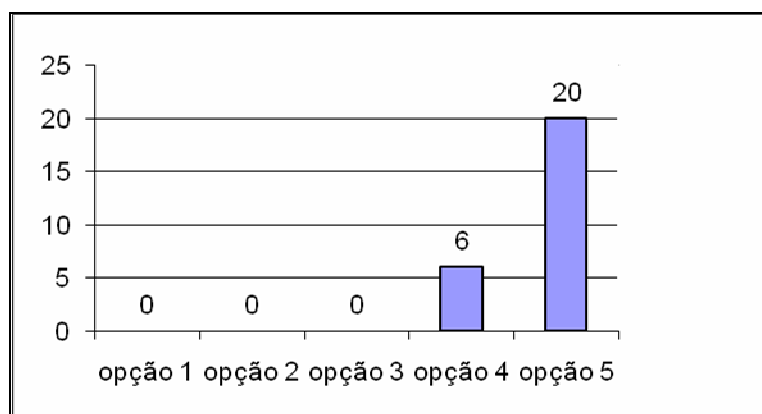


Gráfico 4.25: Aprender português é realmente muito bom – 2005.1

De acordo com o gráfico acima, os alunos demonstraram uma atitude bastante positiva, já que 20 alunos concordaram integralmente e 6 apenas concordaram. Os alunos tinham uma forte motivação e uma grande expectativa, que, de certa maneira, foi correspondida.

[...] Eu decidi vir para o Brasil porque eu tomei a aula do português (mas de Portugal) para dois anos e eu queria ficar fluente na língua português, porque não foi possível nos Estados Unidos. [...] Eu queria morar no meio do povo e aprender a cultura das pessoas brasileiras. Eu espero que eu conheço pessoas brasileiras e faço amigos com brasileiros e outras pessoas na programma também.

[...] eu decidi vir para o Brasil por duas razois principais. Primero, eu estudo estudos latinoamericanos e ter algum conhecimento sobre o Brasil é indispensável para esta disciplina. Segundo, ao vir ao Brasil, eu também estou tentado de solidificar o meu português. Aqui no Brasil, eu espero que apreenda sobre a cultura e o ritmo do país. Espero também que conheça diversas pessoas com histórias diferentes.

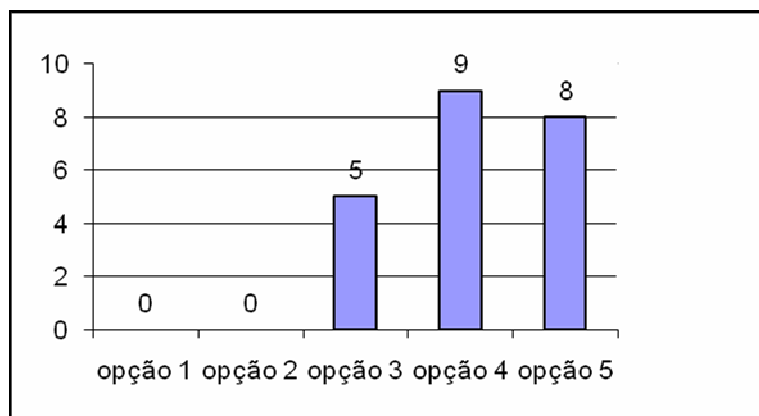


Gráfico 4.26: Aprender português é realmente muito bom – 2006.1

A atitude no que tange à língua portuguesa também foi positiva no segundo grupo, embora 5 alunos tivessem se mostrado indiferentes à afirmação. Esse resultado foi coerente com o que vínhamos encontrando nas afirmações anteriores.

É interessante mencionarmos que os mesmos alunos que marcaram a opção 3 (não concordo nem discordo), afirmaram que assistir às aulas de português ajuda no aprendizado da língua. Entretanto, nem todos os alunos aceitam a metodologia adotada, conteúdo gramatical abordado, atividades realizadas, entre outras observações que poderiam ser feitas.

Por outro lado, como o primeiro grupo, a maioria dos participantes deste grupo demonstrou uma forte motivação para vir ao Brasil e aprender o português.

Quando eu cheguei no Brasil, eu estava muito animada. Quis fazer tudo que pó Brasil oferece. Estava indo à praia todo dia; andava nas ruas para conhecer meu novo lar, experimentava todas as comidas nativas, etc. Eu desfrutei muito meus primeiros dias no Brasil. Eu conheci muitas pessoas na aula de português e estava fazendo muitas amizades.

Quando eu cheguei no Brasil eu não tive expectativas. Eu sabia quando eu cheguei que eu iria morar em duas lugares muitas diferentes e não podia ter expectativas. Também, eu nunca tinha viajado na América do Sul, então não sabia nada sobre esse país. Eu lei muito sobre o Brasil e eu tomei uma aula de português na minha universidade nos Estados Unidos, mas eu sabia que não foi bastante informação.

14. Português é uma parte importante do meu programa escolar.

Essa afirmação era importante para justificar o que encontraríamos na afirmação anterior. Os alunos precisavam dizer se o português fazia parte do programa escolar deles.

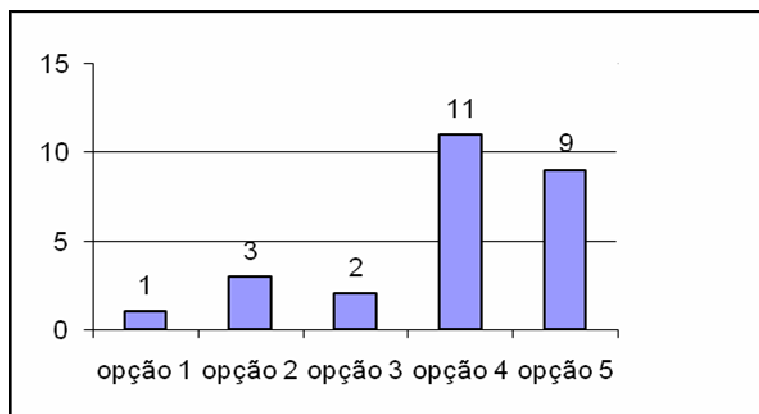


Gráfico 4.27: Português é uma parte importante do meu programa escolar – 2005.1

Encontramos um resultado variado: 20 alunos concordaram, 2 se mostraram neutros e 4 discordaram. Alguns fatores são relevantes aqui. Para os alunos que se mostraram neutros ou discordaram, o resultado é positivo porque mesmo sem a obrigação de estudarem português, eles demonstraram uma atitude positiva diante do aprendizado da língua no gráfico anterior.

[...] Decidi vir para Brasil porque eu queria aprender português. Também, eu decidi estudar em Rio porque eu adoro Brasil e acho que os brasileiros são os melhores pessoas no mundo. Espero que eu encontro muitos amigos brasileiros e talvez encontro uma namorada brasileira porque eu acho que uma namorada é o melhor maneira para aprender uma língua. O que eu faria ainda estivesse no meu país, eu que eu estivesse entediado e um pouco triste porque depois de 3 anos eu espero ficar em Brasil.

Para os alunos que concordaram, vamos analisar um trecho de redação:

[...] eu decidi vir para o Brasil por duas razois principais. Primero, eu estudo estudos latinamericanos e ter algum conhecimeto sobre o Brasil é indispensável para esta disciplina. Segundo, ao vir ao Brasil, eu também estou tentado de solidificar o meu português. Aqui no Brasil, eu espero que aprenda sobre a cultura e o ritmo do país. Espero também que conheça diversas pessoas com histórias diferentes.

Alguns alunos estudam Estudos Latino-Americanos ou Relações Internacionais em suas universidades de origem. Normalmente, o espanhol é a língua principal e o português, a secundária. Apesar de o português fazer parte do programa escolar e não ser a língua principal, o Brasil poderia não ser a primeira opção de muitos para viajar. Ainda assim, não só a língua como também a cultura atraíram muitos alunos.

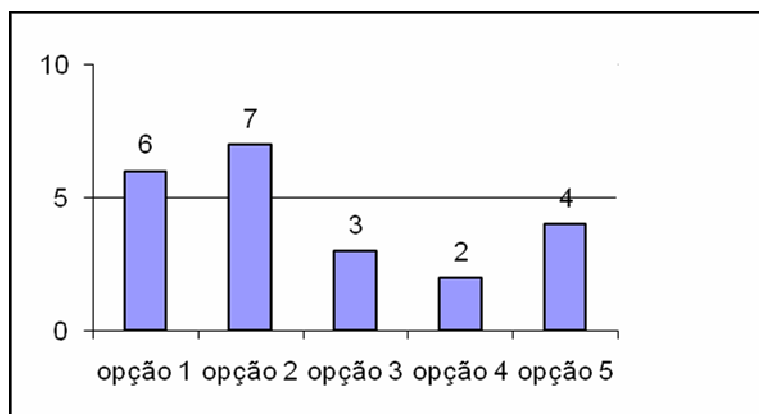


Gráfico 4.28: Português é uma parte importante do meu programa escolar – 2006.1

No segundo grupo, 13 alunos discordaram da afirmação, 2 alunos se mostraram indiferentes e 6 concordaram. Apesar de ser um grupo com características muito semelhantes ao primeiro, os objetivos com o programa de intercâmbio eram um pouco diferentes, como podemos ver nas redações e no resultado.

A grande maioria dos alunos veio para o Brasil para conhecer a cultura, divertir-se e, inclusive, aprender o português. Nesse último caso, a preferência era o aprendizado a partir da interação com os brasileiros, e não em sala de aula.

Sendo assim, por não ser parte importante do programa escolar, poucos alunos se dedicavam às atividades propostas em aula. Lidar com esse tipo de atitude é um desafio para o professor.

15. Eu planejo aprender o máximo possível do português.

Com essa afirmação, buscávamos concluir esse tópico sobre a atitude em relação à Língua Portuguesa do Brasil, confirmando ou não as nossas expectativas.

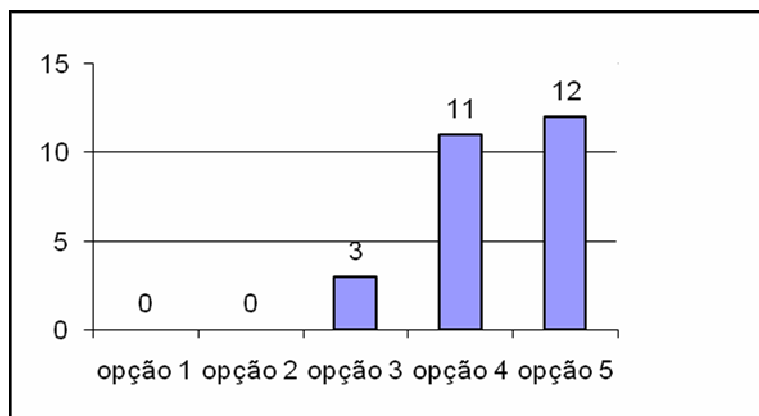


Gráfico 4.29: Eu planejo aprender o máximo possível do português – 2005.1

Na afirmação 13, vimos que todos os alunos tiveram uma atitude positiva em relação ao aprendizado do português. Na afirmação 14, houve uma diversificação nas respostas encontradas. No entanto, a afirmação 15 confirma a nossa hipótese em relação à afirmação anterior. 23 alunos concordaram que planejam aprender o máximo possível do português. Considerando que eles responderam o questionário no fim do semestre, podemos concluir que, fazendo parte do programa escolar ou não, a atitude diante do aprendizado da língua foi muito positiva. Esse resultado apenas confirma o que foi observado em sala durante todo o semestre: frequência, participação e notas altas de pelo menos 85% dos alunos.

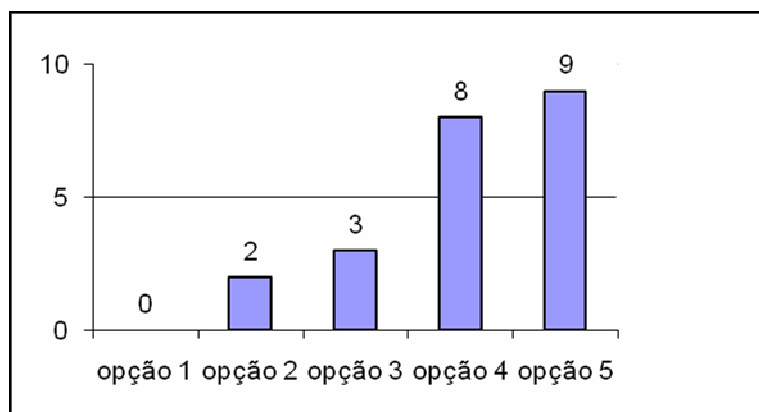


Gráfico 4.30: Eu planejo aprender o máximo possível do português – 2006.1

Se compararmos novamente com as afirmações anteriores do mesmo tópico, na afirmação 13, 5 participantes se mostraram indiferentes, e na afirmação 14 a grande maioria discordou. Novamente, o resultado encontrado aqui, na afirmação 15, foi diversificado: 17 alunos concordaram, 3 se mostraram indiferentes e apenas 2 discordaram.

Como a maioria dos participantes concordou com a afirmação, notamos uma atitude positiva em relação ao aprendizado da língua. Parte dos participantes que na afirmação anterior tinha respondido que o português não era parte do programa escolar, nessa afirmação respondeu que planejava aprender o máximo possível da língua.

Um dos alunos que discordou dessa afirmação discordou da anterior e se mostrou indiferente à afirmação 13. Em relação às etapas anteriores do questionário (atitude em relação à cultura e aos brasileiros), suas opções flutuavam entre a resposta 4 e a resposta 2 (ele marcou 3 na maioria das afirmações). O outro aluno discordou da afirmação 14, mas concordou com a afirmação 13. Suas respostas nas outras etapas foram, na maioria, 4 e 5. Percebemos aqui dois casos isolados em que o primeiro, em especial, talvez não tenha se adaptado nem ao aprendizado da língua nem à cultura brasileira.

Com esse resultado, de uma maneira geral, confirmamos o que observávamos em sala de aula: apesar da frequência nas aulas, a participação não era tão ativa e, conseqüentemente, as notas e a proficiência não foram tão boas quanto as do primeiro grupo.

4.6. Orientação Integrativa

16. Estudar português pode ser importante para mim porque a língua poderá me ajudar a interagir com os brasileiros.

Com esse tópico, queríamos investigar a importância do aprendizado da Língua Portuguesa, a fim de permitir uma interação com os brasileiros. Estamos enfocando, aqui, a motivação integrativa, ou seja, quando o aluno deseja não só aprender a língua estrangeira, mas também interagir com os falantes daquela língua porque admiram a cultura deles.

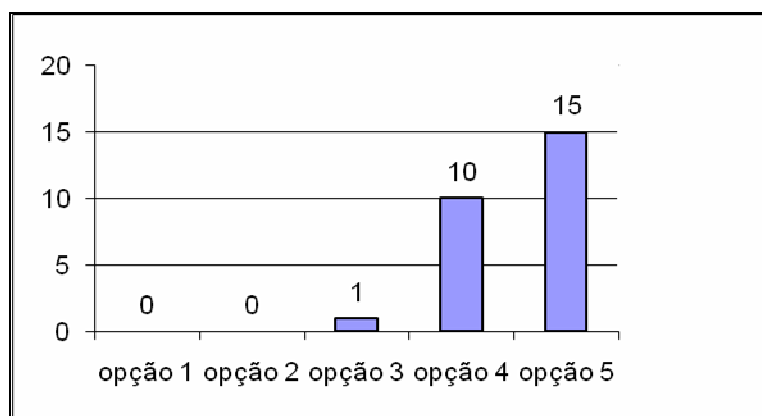


Gráfico 4.31: Estudar português pode ser importante para mim porque a língua poderá me ajudar a interagir com os brasileiros – 2005.1

25 alunos concordaram com a afirmação, sendo que 15 deles concordaram integralmente. Apenas 1 aluno se mostrou indiferente à afirmação. Se retomarmos as respostas dos primeiros tópicos, poderemos ver que esse resultado é coerente com o que esperávamos e com o que estava sendo apresentado nas respostas.

[...]

Eu decidi vir para o Brasil porque eu tive interessa no América do Sur e também eu quis aprender uma nova língua junto com um nova cultura.

Eu espero que eu aprenda muito da cultura brasileira, das pessoas, os tradições, o situação dos pobres. Eu espero que eu possa entender melhor a maneira dos brasileiros e as causas dos situações graves, assim que eu possa ajudar em qualquer maneira eu possa.

Novamente aqui podemos perceber que o interesse dos alunos é aprender a língua juntamente com a cultura dessa língua. Se observarmos a atividade dos alunos quando tinham que criar diálogos (anexo 3), vamos perceber marcas da cultura brasileira, o que nos faz reforçar a crença de que língua e cultura são inseparáveis.

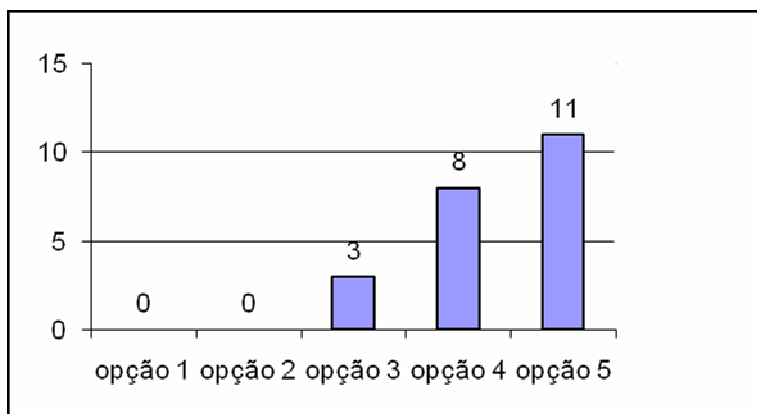


Gráfico 4.32: Estudar português pode ser importante para mim porque a língua poderá me ajudar a interagir com os brasileiros – 2006.1

No segundo grupo, encontramos 19 alunos que concordaram com a afirmação e apenas 3 que se mostraram indiferentes. Esse resultado também foi coerente com o que estávamos encontrando nas respostas.

Eu estou gostando de minha vinda ao Brasil porque tenho um bom laboratório para fazer pesquisas, porque estou aprendendo um novo idioma e porque ao igual que os cariocas gosto muito das praias e do futebol.

O desejo de interagir com os brasileiros já havia aparecido em afirmações anteriores (cf. 4.2 atitude diante dos brasileiros).

17. Estudar português pode ser importante para mim porque eu serei capaz de compreender e apreciar a cultura brasileira.

Essa afirmação foi acrescentada ao questionário somente para confirmarmos ou não a ligação da língua com a cultura aos olhos dos alunos estrangeiros. De certa maneira, confirmaríamos também algumas respostas dadas anteriormente.

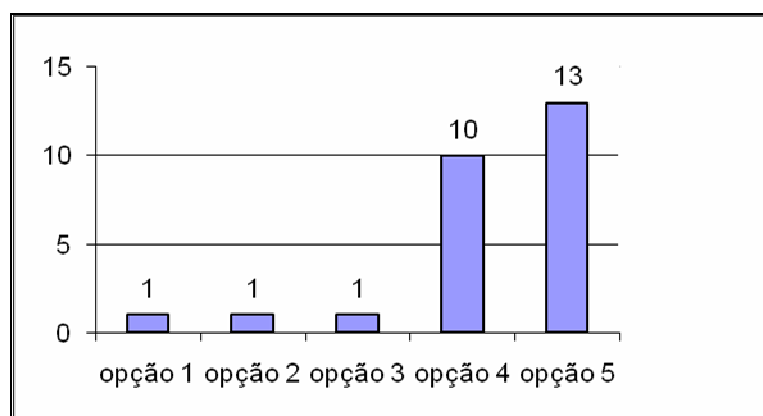


Gráfico 4.33: Estudar português pode ser importante para mim porque eu serei capaz de compreender e apreciar a cultura brasileira – 2005.1

Como no gráfico anterior, a grande maioria (23 alunos) concordou com a afirmação, isto é, que estudar português poderia ser importante porque facilitaria a compreensão e apreciação da cultura brasileira. Novamente, esse resultado reforça várias respostas encontradas anteriormente.

[...]

Decidi vir para o Brasil porque queria aprender português, conhecer os brasileiros e visitar as diferentes regiões do país como o Nordeste, as Amazonas e o Sudeste. Sempre tive muito interes nos países latinos e especialmente queria morar um dia na cidade maravilhosa.

Gostaria de conhecer as diferentes 'caras' do Brasil. Não só quero visitar os lugares turísticos, mas também conhecer a vida e os costumes dos brasileiros. Sei que os estudantes da PUC não são como a maioria dos cariocas. Têm as melhores condições de vida de que um carioca pode esperar. Por isso, acho que fazer um trabalho voluntário como, por exemplo, dar aulas de francês numa favela aqui, pode ser uma experiência muito interessante para mim. Tenho pouco tempo aqui, quero aproveitar de cada dia.

O fato de 1 aluno se mostrar indiferente e 2 discordarem da afirmação não nos surpreende, já que em respostas anteriores isso também aconteceu, como nas afirmações 4, 7 e 8, afirmações que enfocavam a cultura brasileira ou algum aspecto dela.

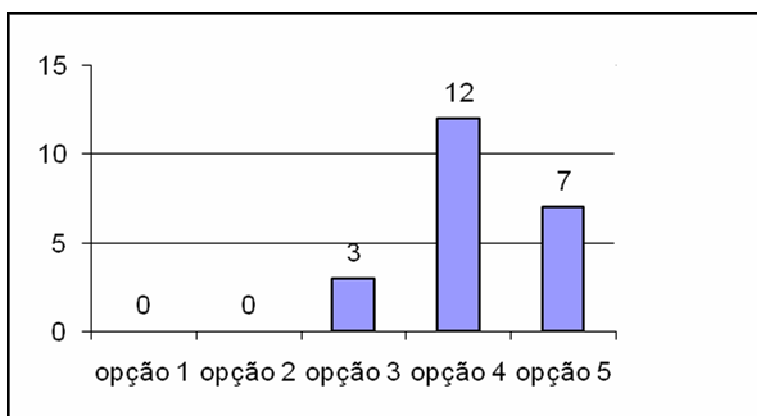


Gráfico 4.34: Estudar português pode ser importante para mim porque eu serei capaz de compreender e apreciar a cultura brasileira – 2006.1

As respostas do segundo grupo surpreenderam, já que ninguém discordou da afirmação; o que vinha acontecendo em outras afirmações que enfocavam a cultura brasileira (afirmações 6, 7, 8 e 9). 19 alunos concordaram com a afirmação e apenas 3 alunos se mostraram indiferentes.

Minhas expectativas em relação ao Brasil antes eu cheguei aqui foi uma mistura. Estava animada sobre minha aventura, encontrar novos amigos e conhecer um novo país.

Como afirma Brown (2000, p.162), a orientação integrativa descreve um aprendiz que deseja se integrar na cultura da segunda língua que está aprendendo, e estar envolvido socialmente com os falantes nativos dessa língua alvo. Pudemos verificar que tanto o primeiro grupo quanto o segundo grupo desejavam essa integração.

4.7. Orientação Instrumental

18. Estudar português pode ser importante para mim somente porque eu precisarei dessa língua na minha futura carreira profissional.

Diferentemente do tópico 4.5 e do tópico 4.4, que abordavam a motivação instrumental de uma maneira geral (interesse pela leitura, pelas aulas e pela

língua em si), neste tópico estamos enfatizando o valor pragmático e utilitário do aprendizado da língua portuguesa. Buscamos identificar se há objetivos específicos no aprendizado do português: exigência no currículo da universidade ou para a carreira profissional, traduções, entre outros interesses.

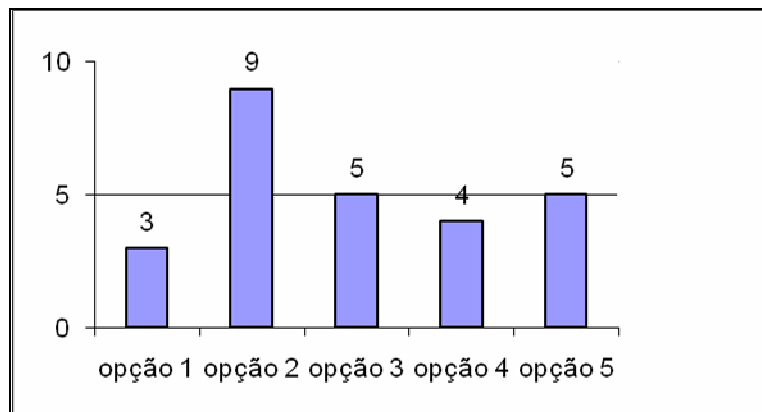


Gráfico 4.35: Estudar português pode ser importante para mim somente porque eu precisarei dessa língua na minha futura carreira profissional – 2005.1

Aqui, o resultado foi o mais variado encontrado até agora. No entanto, a grande maioria discordou da afirmação: 9 alunos discordaram e 3 discordaram completamente. 5 alunos se mostraram indiferentes, 4 concordaram e 5 concordaram integralmente. O advérbio *somente* pode ter influenciado a resposta dos alunos que consideram o aprendizado do português importante não só por causa da carreira profissional, mas também por outras razões, por isso marcaram a opção 1 ou 2. Pelas razões explicadas anteriormente na afirmação 14, alguns alunos precisam do português, ainda que, em alguns casos, seja como língua secundária, por isso marcaram a opção 4 ou 5.

[...] Estudei e vou continuar a estudar após os estudos aqui na PUC, as línguas inglês e português para formar-me intérprete. Devido ao meu interesse na língua portuguesa e no Brasil, foi uma decisão fácil. [...] Eu espero muito que os meus conhecimentos de português se aumentem e melhorem para que eu possa continuar meus estudos com mais sucesso.

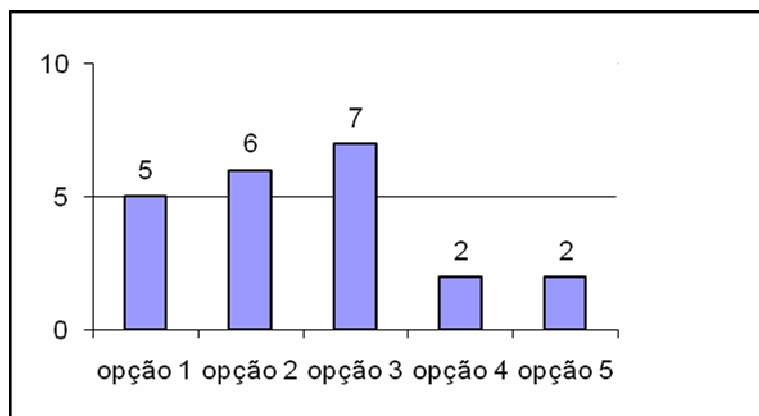


Gráfico 4.36: Estudar português pode ser importante para mim somente porque eu precisarei dessa língua na minha futura carreira profissional – 2006.1

No segundo grupo, 11 alunos discordaram da afirmação, 7 alunos se mostraram indiferentes e apenas 4 alunos concordaram. Considerando as respostas dadas nas afirmações 13, 14 e 15, podemos perceber a importância, por parte dos alunos, do aprendizado da Língua Portuguesa.

Novamente, o advérbio *somente* pode ter influenciado as respostas. No entanto, ao compararmos com outras respostas dadas, o resultado aqui encontrado foi coerente e positivo.

Na universidade, graças a Deus, durante o ano passado aprobe com boas notas as matérias do mestrado e agora neste ano eu estou trabalhando no estudo da teses para conseguir o grau de mestre, além disso eu gostaria muito de fazer um estagio em alguma usina ou industria no Brasil. Acho que me ajudaria para meu futuro, talvez tenha boa sorte e consiga. Mas por enquanto, eu estou adorando viver neste país.

Embora não fique clara a menção à Língua Portuguesa, pelas respostas dadas pela participante no questionário, notamos a importância do idioma para a carreira profissional.

19. Estudar português pode ser importante para mim porque me fará uma pessoa mais informada (atualizada, instruída).

Ainda em relação a uma motivação instrumental, essa afirmação retoma as afirmações 10, 11 e 12, que buscavam identificar o interesse no aprendizado de línguas estrangeiras.

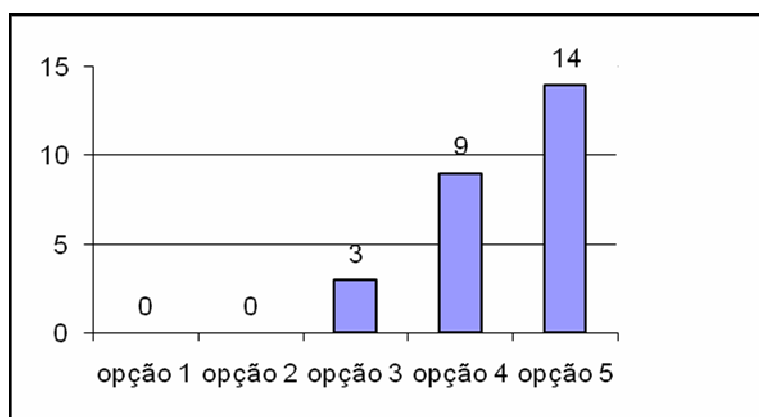


Gráfico 4.37: Estudar português pode ser importante para mim porque me fará uma pessoa mais informada (atualizada, instruída) – 2005.1

O resultado já era previsível pelo que foi encontrado nas afirmações sobre o aprendizado de língua estrangeira. 14 alunos concordaram integralmente, 9 concordaram e apenas 3 se mostraram neutros. Como já foi dito anteriormente, se o português é considerado uma língua secundária ou não, ainda assim é uma língua importante e tem despertado o interesse de muitos jovens em outros países.

[...] Eu decidi vir ao Brasil porque queria aprender uma nova língua e também, para ver esta cidade maravilhosa, Rio de Janeiro. Eu gosto da praia e a música brasileira. Mais, acho que eu vou ao falls de Iguaçu. Antes de chegar no Rio, estava morando em Salvador, outra cidade linda. Lá, estava aprendendo português e saindo nas noites. Todo dia eu ficava na praia, tentando de surfar e falando com meus novos amigos. Aqui no Brasil, espero que eu possa aprender português e que divirta bastante. É importante que eu conheça muitas brasileiras e que encontre nova música.

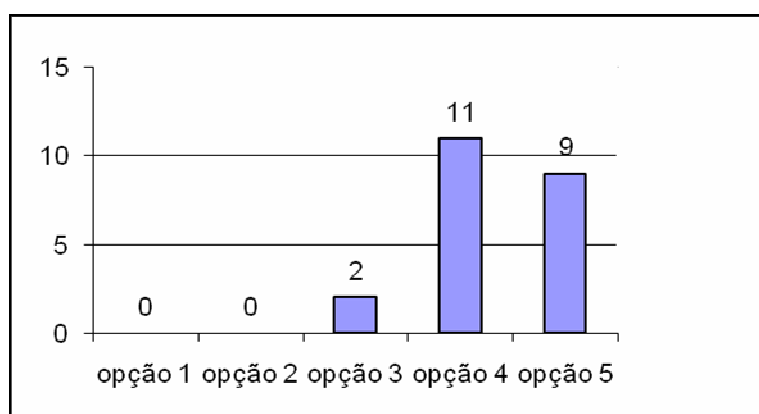


Gráfico 4.38: Estudar português pode ser importante para mim porque me fará uma pessoa mais informada (atualizada, instruída) – 2006.1

No segundo grupo, 20 alunos concordaram e apenas 2 alunos se mostraram indiferentes. Se compararmos essas respostas com as respostas encontradas nas afirmações 10, 11 e 12, o resultado foi o esperado. Há um grande interesse, por parte dos alunos, em aprender uma segunda língua.

Conforme já afirmamos anteriormente, esse grupo não era tão participativo e ativo quando o primeiro, mas, pelo resultado encontrado, notamos um interesse pela língua, seja porque estão em situação de imersão, estudando em uma universidade, ou simplesmente porque trará benefícios pessoais, tais como enriquecimento curricular por vivenciar uma nova experiência, em uma nova língua.

Eu já conheci Brasil antes de minha vinda em agosto 2005. Eu trabalhei para um projeto social com crianças carentes e crianças da rua. Essa experiência foi presso nas minhas memórias – eu senti a necessidade de voltar ao Brasil ou vamos dizer uma saudade insuportável. Agora faltam três meses até a minha desembarque.

20. Estudar português pode ser importante para mim porque quanto mais línguas estrangeiras eu souber, melhor será para a minha carreira.

Essa afirmação reforça a afirmação 14, sobre a importância do português para o programa escolar dos alunos, e nos auxilia a concluir esse tópico sobre orientação instrumental.

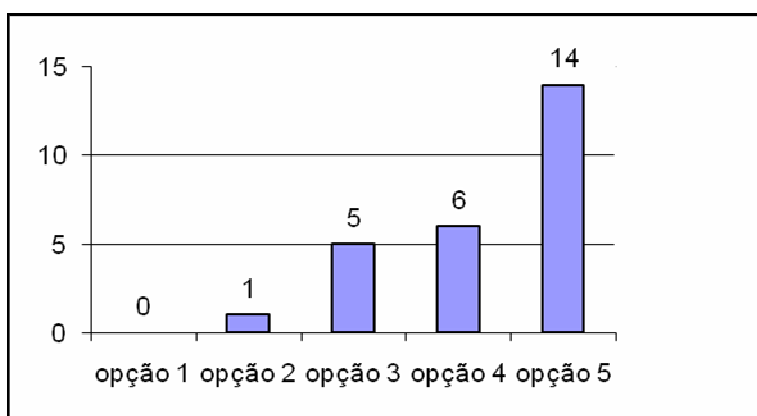


Gráfico 4.39: Estudar português pode ser importante para mim porque quanto mais línguas estrangeiras eu souber melhor será para a minha carreira – 2005.1

Grande parte dos alunos concordou com a afirmação: 14 alunos concordaram integralmente e 6 concordaram. Novamente retomamos o assunto

sobre o crescimento do interesse no português por parte dos jovens. Em algumas carreiras, como relações internacionais, estudar a Língua Portuguesa pode ser vantajoso em uma disputa por uma vaga no mercado de trabalho. Esse argumento já foi confirmado em algumas redações escritas por nossos alunos.

5 alunos se mostraram indiferentes e apenas 1 discordou. É comum encontrarmos alunos que vêm para o Brasil apenas para conhecer o país e sua cultura.

[...] Eu gosto muito de todo o que é a cultura latino americana: literatura, música e espresões. Por isso eu quis vir a Brasil, a Rio de Janeiro, tudo gosta-me de mais: a música (Tom Jobim é um dos meus ídolos), a bossa nova, as praias, a beleza natural, y o cheiro de uma cidade latina cosmopolita, com problemas como tuda cidade latina, y com soluções que não são tão faciles de lograr.

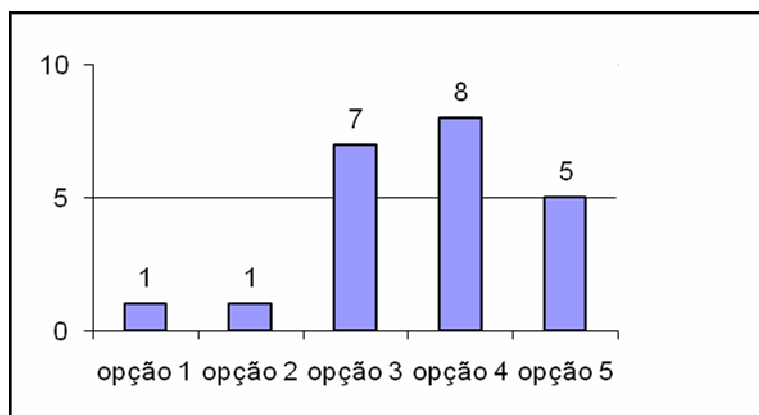


Gráfico 4.40: Estudar português pode ser importante para mim porque quanto mais línguas estrangeiras eu souber melhor será para a minha carreira – 2006.1

O resultado encontrado aqui, nesta afirmação, diferencia-se um pouco do resultado encontrado na afirmação 14, quando 13 alunos (de 22 no total) discordaram que o português é uma parte importante do programa escolar.

Aqui, 13 alunos concordaram com a afirmação, 7 se mostraram indiferentes e apenas 2 discordaram. Entendemos que, com esse resultado, apesar de o português não ser uma língua importante para o programa escolar (afirmação 14), com o crescimento do idioma no mundo globalizado, o conhecimento da língua pode criar novas oportunidades no mercado de trabalho.

É comum recebermos alunos de países como a França, Alemanha e alguns países da América do Sul para estudarem engenharia no Brasil. Alguns desses alunos cursam mestrado e doutorado, e outros concluem seus estudos com duplo diploma. Com o crescimento das pesquisas nessa área tecnológica

no Brasil, a língua se torna um instrumento precioso e um diferencial para os alunos estrangeiros.

Agora eu gosto muito do Rio, só tenho um pouco de medo pela violência, mas ainda assim gosto muito, minhas expectativas são terminar meu curso de mestrado e depois voltar a meu país para procurar emprego, acho que como estrangeiro é muito difícil trabalhar aqui, além disso acho que em meu país tenho maiores oportunidades e as coisas, o custo de vida é menor lá.

4.8. Ansiedade nas aulas de Português

21. Eu fico envergonhado (a) quando preciso responder questões nas aulas de português.

Nosso interesse com esse tópico era observar o grau de desconforto dos alunos estrangeiros em sala de aula. Muitas vezes a ansiedade do aluno não é bem compreendida pelos professores, que podem interpretar como uma falta de interesse. No caso da sala de aula de segunda língua ou de língua estrangeira, esse aspecto é muito delicado porque pode prejudicar o aprendizado da segunda língua (ou da língua estrangeira) e, em alguns casos, fazer o aluno desistir do curso.

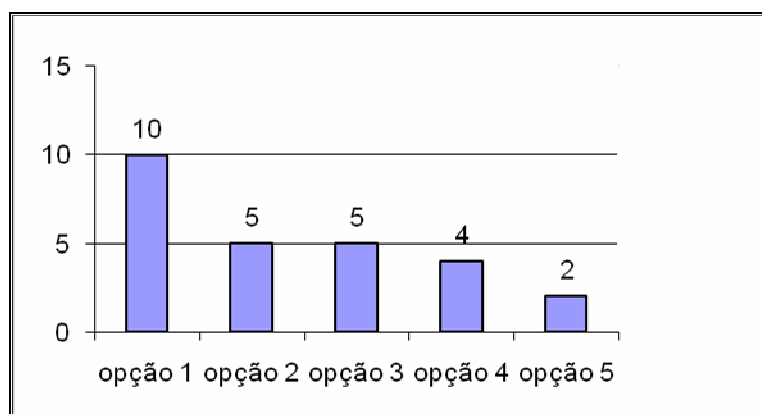


Gráfico 4.41: Eu fico envergonhado (a) quando preciso responder questões nas aulas de português – 2005.1

Novamente encontramos um resultado variado. A maioria dos participantes discordou (25 alunos). É importante notarmos que a grande maioria discordou completamente (10 alunos dos 26 no total). 5 alunos se mostraram indiferentes e apenas 6 concordaram que ficam envergonhados quando precisam responder questões nas aulas de língua portuguesa.

Durante todo o semestre pudemos observar um crescimento na participação em sala de aula. À medida que vão se conhecendo, os alunos se sentem mais confortáveis para participar das aulas. Alguns alunos preferiam fazer perguntas no fim da aula e outros preferiam procurar o professor, marcando um horário de atendimento.

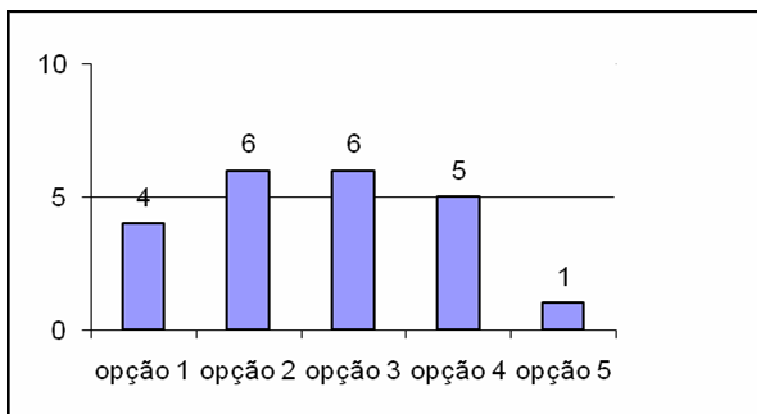


Gráfico 4.42: Eu fico envergonhado (a) quando preciso responder questões nas aulas de português – 2006.1

No segundo grupo, 10 alunos discordaram, 6 foram imparciais e 6 concordaram com a afirmação. Sabendo que o questionário foi aplicado nas últimas semanas de aula, podemos presumir por que esse grupo era menos participativo que o outro, isto é, alguns alunos eram mais tímidos.

É imperioso ressaltarmos que os alunos das duas turmas tinham um bom relacionamento entre si. No entanto, o grupo de 2005.1 procurava conversar em português, inclusive entre eles. Como a maioria dos alunos do grupo de 2006.1 era dos Estados Unidos, a língua dominante da conversa entre eles, muitas vezes, era o inglês.

22. Eu sempre sinto que os outros alunos falam melhor do que eu.

A insegurança é outro fator negativo que pode prejudicar o aprendizado de uma segunda língua, principalmente se um aluno acredita que os outros alunos são melhores aprendizes em sala de aula.

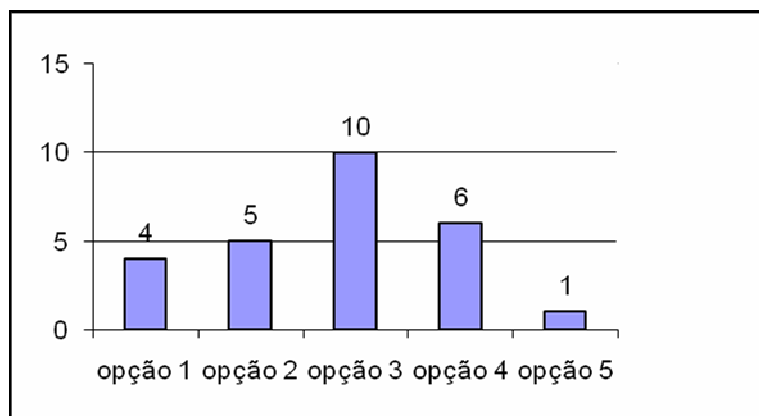


Gráfico 4.43: Eu sempre sinto que os outros alunos falam melhor do que eu – 2005.1

Como na afirmação anterior, o resultado foi variado. Entretanto, a maioria dos alunos se mostrou indiferente à afirmação, ou seja, eles não se preocupam se os outros alunos falam melhor do que eles. Esse resultado é positivo se pensarmos em uma sala de aula onde o índice de competição entre os alunos não é alto. 7 alunos concordaram com a afirmação, confirmando a preocupação com o seu próprio rendimento em relação ao rendimento dos outros alunos, enquanto 9 alunos discordaram.

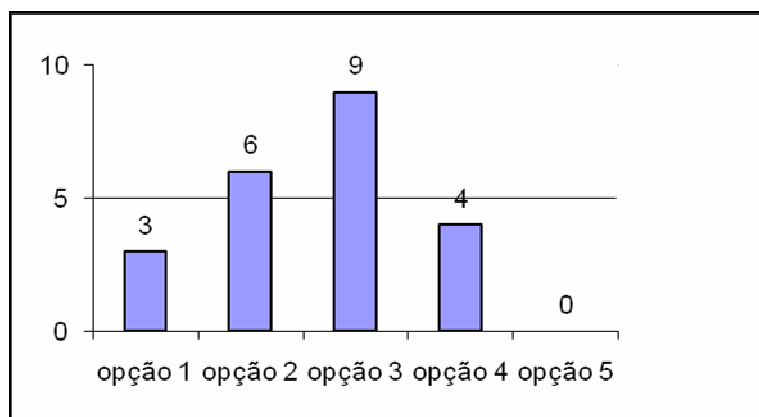


Gráfico 4.44: Eu sempre sinto que os outros alunos falam melhor do que eu – 2006.1

O resultado encontrado no segundo grupo foi muito positivo, visto que apenas 4 alunos concordaram com a afirmação. 9 alunos discordaram e 9 alunos mostraram-se neutros.

Ao compararmos essa afirmação com a anterior, notamos que apesar de alguns alunos desse grupo se mostrarem envergonhados para responder questões nas aulas de português, não havia, de certa forma, insegurança se alguém falava melhor ou pior. Sendo assim, esse resultado nos dá um suporte

para afirmarmos que insegurança, no que tange à proficiência, não era a principal razão para a pouca participação em sala de aula.

23. Eu fico nervoso (a) e confuso (a) quando eu estou falando português em sala de aula.

Novamente, apresentamos uma afirmação sobre ansiedade e insegurança em sala de aula. Aqui, o aluno precisava avaliar seu comportamento em sala de aula enquanto falava português.

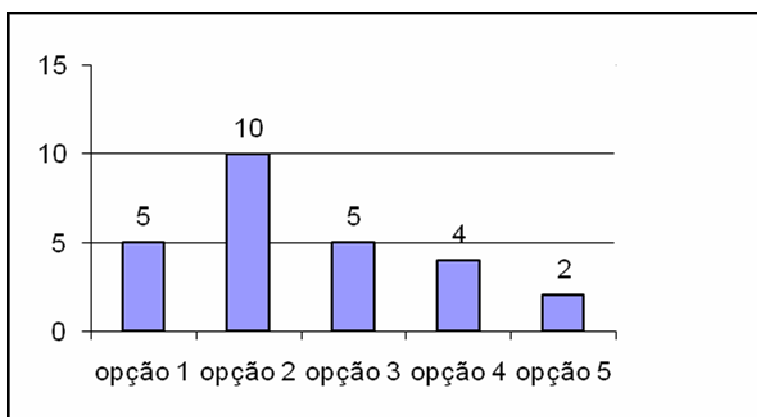


Gráfico 4.45: Eu fico nervoso (a) e confuso (a) quando eu estou falando português em sala de aula – 2005.1

O resultado dessa afirmação foi exatamente o mesmo da afirmação 21. 15 alunos discordaram, 5 se mostraram indiferentes e apenas 6 concordaram.

Com esses três resultados pudemos avaliar se algum aspecto da personalidade estava influenciando diretamente o aprendizado do português. Apesar de não ser um fator relevante para a nossa pesquisa, sabemos que: “a personalidade de seus alunos constitui o fator de maior contribuição para o sucesso ou falha na aprendizagem da língua”.⁷ (Ellis, 2003^a, p.517). As respostas dos alunos até essa afirmação e as observações feitas em sala de aula mostraram que, apesar de alguns alunos responderem que ficavam nervosos e confusos e/ou que se sentiam inseguros, o aprendizado não foi prejudicado.

⁷ “the personality of their students constitutes a major factor contributing to success or failure in language learning”

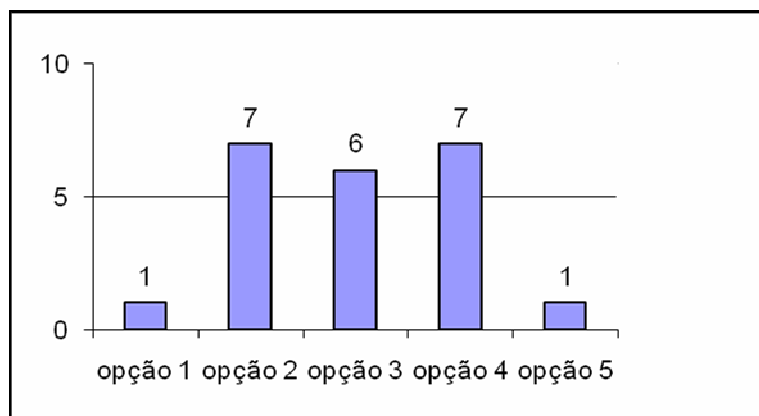


Gráfico 4.46: Eu fico nervoso (a) e confuso (a) quando eu estou falando português em sala de aula – 2006.¹

Aqui, o número de alunos que discordaram foi exatamente o mesmo número de alunos que concordaram: 8 alunos; apenas 6 alunos foram imparciais em suas respostas.

Percebemos que embora a maioria dos alunos não se sentisse envergonhada ou insegura para participar das aulas, um número significativo de alunos afirmou ficar nervoso quando falava português em sala de aula. Esse resultado confirma o que havíamos ressaltado na afirmação 21, ou seja, que parte dos alunos conversava em inglês em sala de aula.

Inibição, ansiedade e insegurança são apenas alguns fatores cognitivos que podem afetar negativamente a aquisição de uma segunda língua e de uma segunda cultura. Em nosso caso, apenas o segundo grupo apresentou um resultado um pouco mais significativo no que tange à influência da ansiedade para participar das aulas.

Brown (2000, p. 152) nos faz refletir sobre esse resultado, já que para ele pode ter um fim positivo:

Então, da próxima vez que seus alunos de línguas estiverem ansiosos, seria melhor você perguntar a você mesma se a ansiedade é verdadeiramente debilitativa. O processo é uma coisa boa. Uma vez mais nós achamos que o construto tem um ponto ótimo no continuum: ambos, a muita e a pouca ansiedade, podem intensificar o processo de sucesso na aquisição de segunda língua.⁸

⁸ So the next time your language students are anxious, you would do well to ask yourself if that anxiety is truly debilitating. Process is a good thing. Once again, we find that a construct has an optimal point along its continuum: both too much and too little anxiety may hinder the process of successful second language learning.

4.9. Encorajamento dos pais

24. Meus pais realmente me encorajam a estudar português.

Nesse último tópico, mas não menos importante, tencionávamos saber se havia um suporte por parte dos pais para que os alunos estudassem o português, ou se a motivação partia deles mesmos.

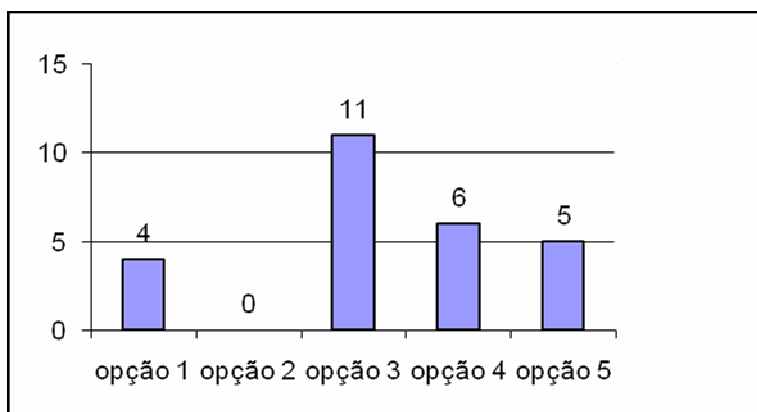


Gráfico 4.47: Meus pais me encorajam a estudar português – 2005.1

O resultado foi de certa maneira surpreendente, porque o número de alunos que concordaram com a afirmação foi exatamente o mesmo dos alunos que se mostraram indiferentes: 11 alunos. Esse resultado é importante para avaliarmos o aumento no interesse pela Língua Portuguesa no mundo e como os pais estão percebendo essa importância. Nos questionários respondidos, apenas 2 alunos afirmaram que pelo menos uma pessoa da família possui algum conhecimento de português. Certamente, esse resultado foi bastante positivo.

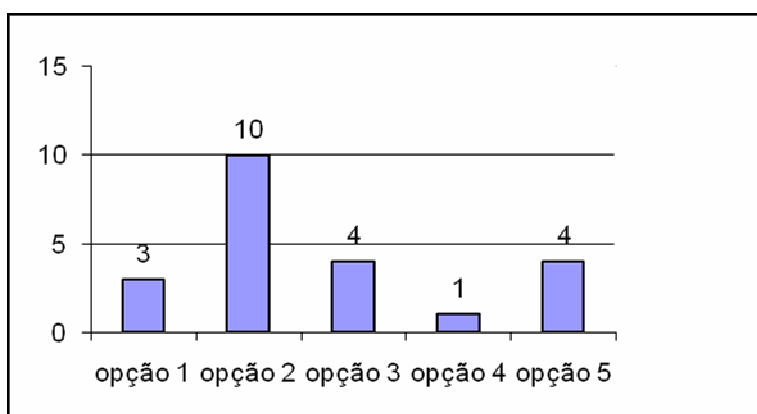


Gráfico 4.48: Meus pais me encorajam a estudar português – 2006.1

No segundo grupo, o resultado foi um pouco diferente, já que a maioria discordou da afirmação (13 alunos). Apenas 5 alunos concordaram com a afirmação e 4 se mostraram imparciais.

Ao verificarmos os questionários, a maioria dos alunos que discordaram da afirmação era de nacionalidade americana e alemã. Para os alunos que concordaram, encontramos 2 alunos que pelo menos um dos pais era brasileiro, 2 alunos falantes de espanhol e apenas 1 aluno americano. Aproximadamente 90% dos alunos responderam que ninguém da família possuía algum conhecimento da Língua Portuguesa.

Esse resultado nos faz concluir que, basicamente, a motivação para aprender português e vir para o Brasil aperfeiçoar esse aprendizado partia dos próprios alunos.

4.10. Estratégias de Aprendizagem

Neste tópico, como ponto de partida, estamos retomando o conceito de estratégias de aprendizado de Tarone (1983), que consiste na tentativa, por parte do aprendiz, de desenvolver a competência lingüística e a competência sociolingüística da L2, através de alguns recursos (memorização, inferências, entre outros). Estamos considerando em nossa análise, também, as estratégias de aprendizagem de língua e as estratégias de aprendizagem de habilidades.

Em nosso questionário, procuramos abordar algumas das principais estratégias de aprendizagem anteriormente citadas pelos alunos, em conversas informais, em sala de aula. Os participantes precisavam escolher as estratégias que eles acreditavam que ajudam no aprendizado da Língua Portuguesa:

O que você acha que ajuda na sua aprendizagem do português?

- a) conversar com os brasileiros
- b) ler jornais, livros e revistas
- c) assistir à televisão
- d) ouvir rádio e músicas
- e) assistir às aulas de português
- f) assistir às aulas de outras disciplinas

Dentre algumas possibilidades, nossa proposta é classificar as estratégias usadas no questionário da seguinte forma:

Estratégias socioafetivas	Conversar com brasileiros
Estratégias de compensação	Ler jornais, livros e revistas Assistir à televisão Ouvir rádios e músicas
Estratégias metacognitivas	Assistir às aulas de português Assistir às aulas de outras disciplinas

Quadro 4.2: Incidência de estratégias usadas no questionário

Entendemos que por estar relacionado a uma atividade social, *conversar com os brasileiros* consiste em uma estratégia socioafetiva.

As estratégias de compensação auxiliam na compreensão e na produção da língua que está sendo adquirida, embora possa haver limitações na proficiência. Sendo assim, incluímos nessa categoria *ler jornais, livros e revistas, assistir à televisão e ouvir rádios e músicas*.

Normalmente, em sala de aula, os aprendizes estão planejando seus aprendizados, pensando sobre o processo, monitorando e avaliando o resultado. Para tal, destacamos *assistir às aulas de outras disciplinas* e, sobretudo, *assistir às aulas de português* como estratégias metacognitivas (cf. Brown, 2000 e Ellis, 2003^a).

Poderíamos afirmar que essas estratégias são, também, estratégias de aprendizagem de habilidades, já que os alunos estão aperfeiçoando não só o aprendizado da língua, mas suas habilidades enquanto falantes dessa língua alvo (leitores, escritores, entre outras).

A partir dessa classificação e do que expusemos anteriormente, observemos o resultado encontrado no questionário:

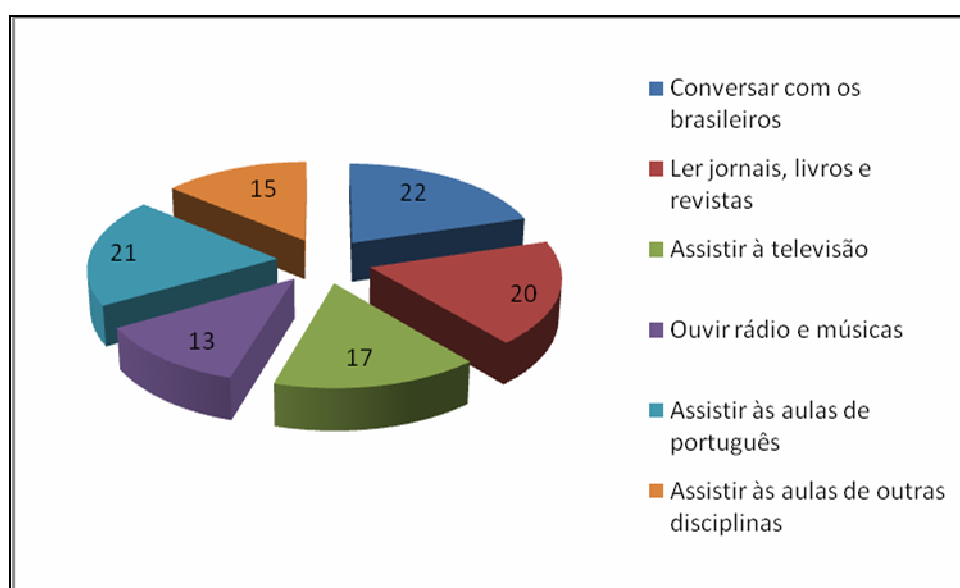


Gráfico 4.49: Resultado das estratégias de aprendizagem

É imperioso destacarmos a importância da interação com os brasileiros como estratégia de aprendizado. Todos os alunos que participaram da pesquisa marcaram essa opção.

É importante lembrarmos que o grupo de 2006.1 apresentou uma grande variação no que tange à atitude diante dos brasileiros, da cultura brasileira e do aprendizado da Língua Portuguesa. Esse resultado comprova a importância dessa estratégia de aprendizagem tanto em atitudes positivas quanto em atitudes negativas.

Assistir às aulas de português também foi selecionado como uma estratégia de aprendizagem importante. Em sala de aula, os aprendizes estão o tempo todo monitorando e avaliando suas produções na língua alvo. Ao contrário do que muitas vezes pode acontecer nas aulas de outras disciplinas, opção escolhida por apenas 15 alunos, nas aulas de português, eles podem contar com a ajuda dos professores, que são especializados na área.

Ler jornais, livros e revistas, assistir à televisão e ouvir rádios e músicas também foram selecionados, respectivamente, como estratégias de aprendizagem. 20 alunos selecionaram a leitura como uma estratégia importante. Nas aulas de português, esses materiais são muito utilizados como parte de atividades de compreensão e produção. O grupo que participou da pesquisa leu o livro *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*, de Jorge Amado, a fim de conhecerem mais sobre a cultura brasileira e sobre a literatura brasileira, e fazerem um trabalho escrito.

Ainda no que se refere a esta estratégia de aprendizagem, podemos retomar a afirmação 11, em que esse grupo precisava responder sobre o desejo de ler livros de uma língua estrangeira no original, sem tradução. Como verificamos no resultado, o grupo concordou com a afirmação. Esse resultado pode ser confirmado aqui, quando 19% dos alunos selecionaram a estratégia de leitura como importante para o aprendizado da Língua Portuguesa do Brasil.

Além das opções que faziam parte do questionário, um dos informantes destacou a importância dos quadrinhos, fazendo referência à aula em que a atividade foi incluída. Outros aspectos destacados foram a importância de filmes legendados e a importância de fazer exercícios (em sala de aula ou em casa). Escrever e-mails e teses também parece ajudar bastante.

A partir do que encontramos, podemos depreender que é importante levarmos em conta que tipos de estratégias estão sendo usadas pelos alunos. Como vimos anteriormente, as diferenças individuais dos aprendizes podem

influenciar diretamente na escolha das estratégias. Um aprendiz tímido, por exemplo, pode ter dificuldade de interagir diretamente com os falantes nativos, optando, dessa forma, por outras estratégias. Por outro lado, pudemos notar que independente da atitude apresentada pelos aprendizes, a interação com os brasileiros é muito importante no aprendizado da Língua Portuguesa.

As aulas de português são, muitas vezes, fundamentais nesse processo de aquisição de língua e cultura. Cabe ao professor estimular ao máximo os aprendizes apresentando diferentes materiais que unam a língua portuguesa e a cultura brasileira. Da mesma forma, o professor pode ter um papel muito importante na hora de ensinar diferentes estratégias para os alunos (cf. McDonough, 1995).

É importante que levemos em conta os objetivos dos alunos no que se refere ao aprendizado da língua. Como vimos nas afirmações respondidas pelos alunos, todos tinham uma motivação integrativa. No entanto, alguns tinham, também, uma motivação instrumental, visto que o português é importante para os estudos. Como foi destacado por um dos participantes, escrever teses e e-mail ajuda no processo de aquisição da língua. Dessa forma, diferentes gêneros textuais (como textos dissertativos, resenhas críticas, entre outros) podem ser explorados pelo professor em sala de aula.

Como afirma McDonough (op. cit), as estratégias podem fracassar, mas precisamos estar sempre solícitos para recomendar outras formas de adquirir a nova língua e, mais importante, desfrutar da nova cultura.

4.11.

Conclusões das Análises dos Dados

Dentre importantes teorias de aquisição de segunda língua que poderiam nortear nosso trabalho, optamos pelo Modelo Sócio-Educacional por ele procurar, como afirmamos no capítulo 2, inter-relacionar quatro aspectos do aprendizado de uma segunda língua: os ambientes social e cultural onde o aprendiz nasceu e cresceu; as diferenças individuais do aprendiz, tais como motivação, atitude, personalidade, aptidão, entre outras; o ambiente em que está sendo aprendida a L2, seja no país onde a língua é falada ou no país de origem do aprendiz; e o resultado da aprendizagem.

Embora a base do modelo selecionado seja a aquisição de uma segunda língua em sala de aula de língua estrangeira (cf. Norris-Holt, 2001), pudemos perceber na análise dos dados que a teoria também pode ser aplicada em sala

de aula de segunda língua, com algumas adaptações que veremos mais a seguir.

No que tange à motivação, ela consiste em todos os objetivos e orientações do aprendiz na aquisição da língua alvo. No modelo Sócio-Educacional, a motivação compreende três elementos: o indivíduo motivado que emprega um esforço para aprender uma língua, o indivíduo motivado a atingir um objetivo, e um indivíduo motivado que vai desfrutar das tarefas para aprender uma língua. Como vimos, a motivação pode ser integrativa ou instrumental.

Em nossa análise, encontramos tanto a motivação integrativa quanto a motivação instrumental. Como afirma Brown (2000, p. 163), raramente os aprendizes selecionam uma forma de motivação ou outra, mas sim uma combinação de ambas. Verificamos em nossa análise dos dados que os alunos dos dois grupos (2005.1 e 2006.1) desejavam se integrar na cultura brasileira e interagir com os brasileiros. Esse fato foi confirmado no tópico sobre as estratégias de aprendizado.

Por outro lado, a motivação instrumental foi mais presente no grupo de 2005.1 do que no grupo de 2006.1. Através de pequenas diferenças no resultado encontrado nos questionários e nas observações que fizemos em sala de aula, verificamos que o segundo grupo não tinha o português como parte importante do programa escolar. Esse resultado foi confirmado no tópico sobre a atitude diante do aprendizado da Língua Portuguesa do Brasil.

Retomando o conceito de atitude que consiste em resultados de atitudes dos pais ou da família, de contato com diferentes pessoas de diferentes maneiras, e da interação de fatores afetivos na experiência diária, verificamos na análise dos dados que, no que tange à atitude diante dos brasileiros, os dois grupos apresentaram uma atitude positiva, ainda que o primeiro grupo tenha se mostrado mais positivo ao que estava sendo proposto no questionário e observado em sala de aula pela pesquisadora. Os grupos começaram a apresentar diferentes resultados a partir da afirmação 5, que se referia à informalidade do brasileiro. Nessa afirmação, o segundo grupo teve um maior número de alunos que se mostraram indiferentes e houve alunos que discordaram.

Em relação à atitude diante da cultura brasileira, os dois grupos também se mostraram positivos ao que estava sendo exposto a eles. Ainda que, no caso do segundo grupo em particular, tivesse surgido, durante a redação e o debate, uma atitude um pouco mais negativa ao entrarem em contato com a proximidade presente na cultura brasileira, uma sutil mudança foi observada. A opinião e,

conseqüentemente, a atitude mudaram depois do debate realizado em sala de aula.

Com a exposição, por parte da professora, a diferentes exemplos de uso de pronomes e formas de tratamento em diferentes contextos de uso na cultura brasileira, os alunos passaram a compreender melhor o tópico abordado. Esse fato foi comprovado no resultado dos questionários respondidos pelos alunos.

Por fim, no tópico sobre a atitude diante do aprendizado da Língua Portuguesa do Brasil, o resultado foi um pouco diferente. O primeiro grupo apresentou uma atitude mais positiva que o segundo grupo. Esse resultado não foi surpreendente, visto que era o comportamento observado em sala de aula.

A partir do resultado encontrado em nossa pesquisa, percebemos a necessidade de adaptarmos o modelo Sócio-Educacional à nossa realidade, ou seja, à sala de aula do português como segunda língua para estrangeiros. Sendo assim, propomos as seguintes adaptações à teoria apresentada no capítulo 3, como uma proposta de teoria de aquisição do português como segunda língua e da cultura brasileira como segunda cultura:

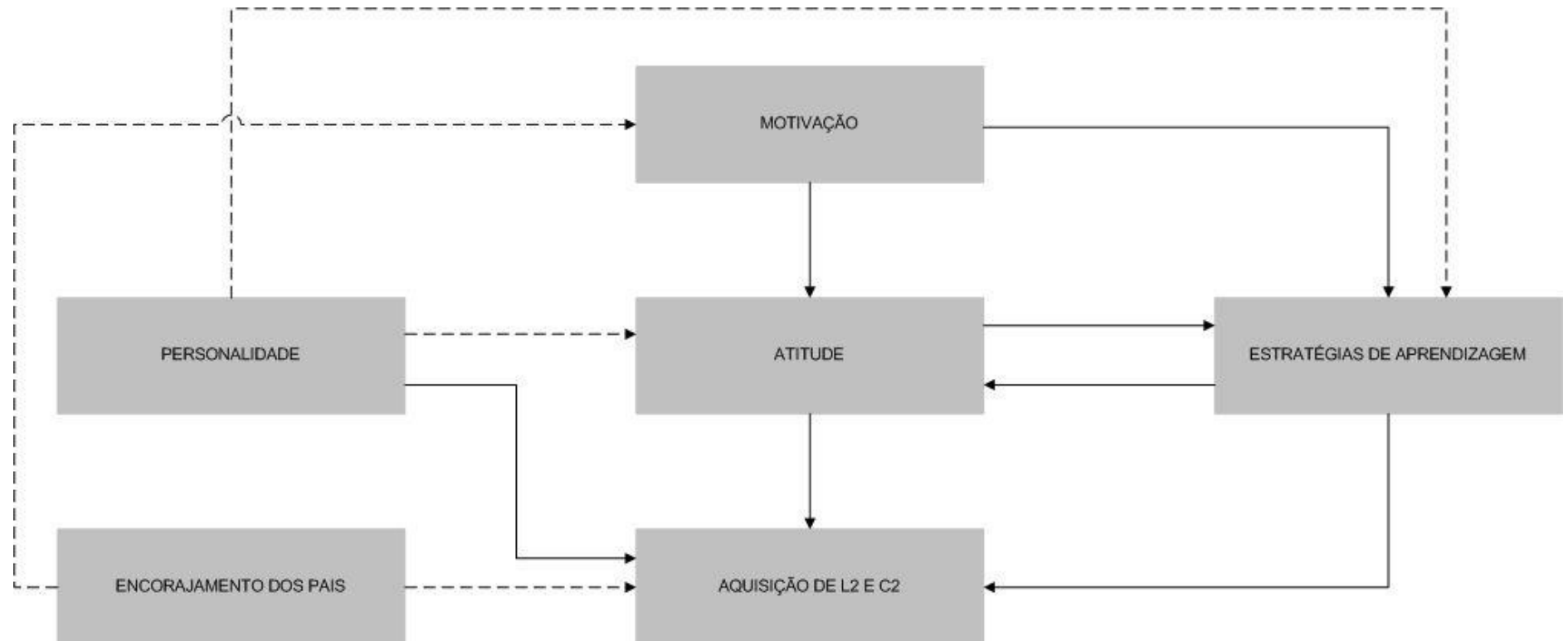


Figura 4.1: Proposta de teoria de aquisição do português L2 e da cultura brasileira como C2

Partimos da motivação que influencia diretamente a atitude do aprendiz, que pode ser positiva ou negativa, dependendo do que vai ser encontrado durante a exposição à segunda língua e à segunda cultura. A atitude, por sua vez, influencia diretamente a aquisição da segunda língua e da segunda cultura. Nos casos das atitudes negativas, as estratégias de aprendizado serão muito importantes para auxiliar o processo de aquisição, que de certo modo também é influenciado pela motivação, nosso ponto de partida. Elas também podem ajudar na mudança da atitude do aprendiz.

A personalidade pode vir a influenciar a atitude do aprendiz, mas também pode ser um fator determinante na aquisição da segunda língua e, principalmente, da segunda cultura, como vimos em nossa análise. Da mesma forma, a personalidade pode influenciar as estratégias de aprendizado. Um aluno mais extrovertido pode preferir aulas dinâmicas, em que possa interagir com outros alunos, assim como interagir diretamente, fora da sala de aula, com os brasileiros. Esse fato pode não acontecer com alunos mais introvertidos.

Por fim, o encorajamento dos pais pode auxiliar o processo de aquisição e a motivação (integrativa extrínseca) do aprendiz, mas não é um fator determinante nesse processo.

Propomos aqui, então, uma atenção maior à atitude dos aprendizes. Ao contrário do que é proposto inicialmente pelo modelo Sócio-Educacional, em que a motivação é o ponto principal da aquisição de uma segunda língua em sala de aula de língua estrangeira (cf. Brown, 2000; Dörnyei & Schmidt, 2002; Ellis, 2003^a; Norris-Holt, 2001), acreditamos que em sala de aula de segunda língua o ponto fulcral é a atitude. Independente da motivação do aprendiz, se o mesmo apresentar uma atitude negativa, as chances de sucesso na aquisição da segunda língua são pequenas.

Conforme verificamos, o papel do professor é de grande importância nesse processo. Cabe a ele intervir, especialmente, em casos de atitudes negativas, apresentando a cultura interagindo com a língua através de diferentes textos, atividades, vídeos, entre outras possibilidades. É o papel do professor estimular, também, diferentes estratégias de aprendizado que possam contribuir com a mudança da atitude.

A seguir, apresentaremos algumas possibilidades de trabalharmos as atitudes positivas e as atitudes negativas em sala de aula.